

ANO III N.º 135  
16  
DE DEZEMBRO  
1943  
E.S.C. 1\$50  
PREÇO AVULSO

1943  
-0. NOV. 1998

# COMO SE FAZ UM GRANDE JORNAL!

VER REPORTAGEM NAS PÁGINAS 8 E 9



**VIDA  
MUNDIAL**

# ILUSTRADA

SEMANARIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

NOITE DE CHUVA...

CHOVIA. Uma chuva miúda, triste, melancólica, a redobrar nas pedras da rua. Os candeeiros pingavam uma luz baixa, esmaecida. Não passava viva alma. Eu encostara a testa à vidraça e ali me deixara ficar, vendo a chuva cair.

\*\*\*

Naquela noite também chovia. Eu não tinha janela para espreitar a chuva. Mãos metidas nos bolsos das calças, chapéu enterrado até aos olhos, andava por ali sem destino, ao acaso, triste, muito triste, mas sem vontade de chorar. As meias estavam molhadas, os pés estavam molhados. Tiritava.

Não sabia o que fazer. Era a primeira noite da minha vida em que não tinha quatro paredes para me abrigar, uma cama, um colchão para dormir. Nos bolsos, apenas o lenço e umas migalhas secas, do pão que havia comido na véspera. Não sabia o que fazer, não queria pensar. Toda a noite andara assim, debaixo de chuva, por ruas que nada me diziam, a molhar-me, a encharcar-me. Tristeza. Sim, era unicamente tristeza o que sentia. Tristeza e uma imensa vontade de me deitar em qualquer parte, fechar os olhos, dormir.

Não passava ninguém pelas ruas. Só de longe e longe surgia um vulto a correr ou um táxi desgarrado. E a chuva a cair, a molhar-me. Mas a chuva fazia-me bem. Quanto mais molhado, quanto mais infeliz me sentisse, melhor. A infelicidade encorajava-me, dava-me alento, porque me enchia de ódio e de revolta. O estômago voltava a dar sinal. Dois dias inteiros sem comer. Apenas aquele quarto de pão engolido à pressa, sófregamente. Mais nada...

Agora já não podia mais. Estava cansado, exausto. Olhava para dentro de mim e sentia-me fraco, vencido, incapaz de mudar a sorte. Nem uma esperança. Amanhã, seria como hoje. No outro dia, o mesmo. Sempre, sempre... Chorava. Chorava como um menino, lágrimas a correrem de enfiada e a confundirem-se com a chuva que me encharcava a cara. Só tinha um desejo. Encontrar uma porta aberta, um vão de escada e dormir ou morrer, tanto me importava. Costo com a parede lá procurando. Tudo fechado. Passava uma rua, outra rua. Longe, alguém batia palmas. Alguém que chamava um guarda-nocturno, alguém que tinha uma casa, um quarto, uma cama para dormir.

Repuzei os lábios num sorriso de ironia dirigida a mim mesmo, que por ali andava perdido, sem tino, miserável. Nem vagabundo conseguia ser. Desconhecia a técnicas dos homens sem lar e sem pão... Mesmo na esquina, uma porta aberta. O coração bateu-me mais alto. Entrei. Eram umas escadas de madeira, muito altas e escuras. Não podia deitar-me no chão. O guarda-nocturno ou o polícia não tardariam a aparecer e a enzoar-me.

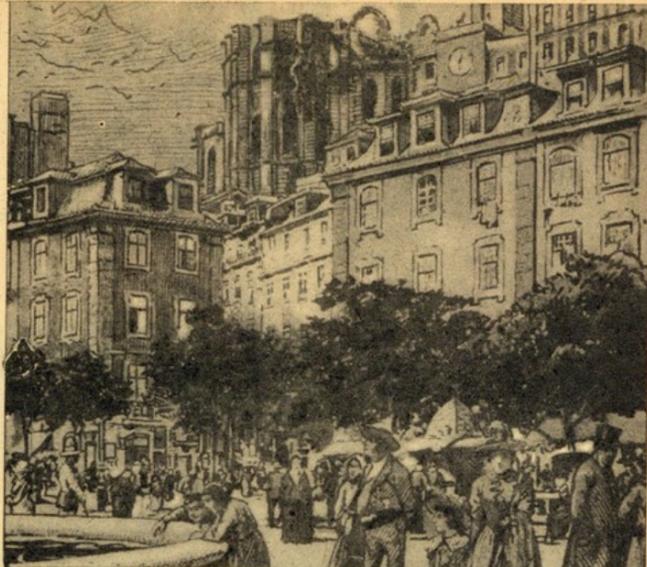
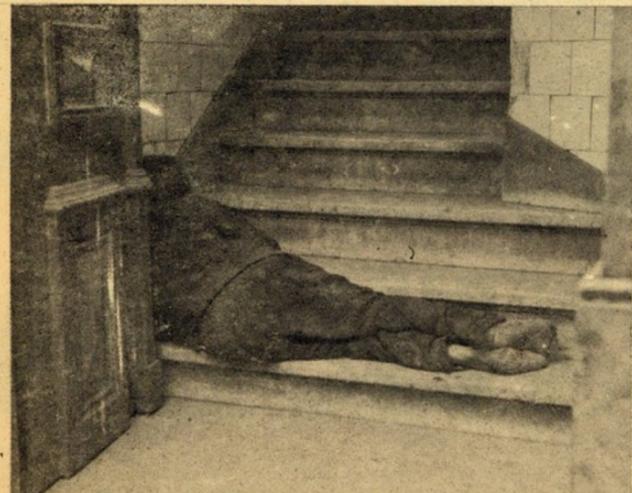
Subi lentamente, encostado ao corrimão, tateando com os pés degrau a degrau. Tinha medo como se estivesse ali para roubar. A escuridão era total. No segundo patamar, procurei o recanto da parede e sentei-me. Ah, se pudesse dormir! Mas estava todo molhado e nem me atrevia a estender as pernas, deitar-me. Os olhos voltaram a unedecer-se. As lágrimas desciam, caindo, pingo a pingo, nas costas das minhas mãos que enfiavam os joelhos. Súbito, fiquei imóvel, à escuta. Tivera a sensação de que alguém se encontrava ali, não longe de mim. Olhei o negro. Nada vi. Mas a impressão mantinha-se, forte, intensa. Num esforço, consegui murmurar: — Está aí alguém? — a voz saíra-me baixa, muito débil. — Está aí alguém? — tornei, um pouco mais alto.

Silêncio. Um silêncio profundo que me inquietava. Depois, uma voz tão apagada como a minha: — Sou eu...

Estremei. Queria levantar-me e não podia. Então, oiço o rascar de um fósforo que não acende. Um outro e, à frouxa luz, consegui ver um braço estendido e um rosto pálido que me fitava. Era um velho, um homem como eu, sem lar, sem cama, e que ali fora também procurar refúgio. O fósforo apagou-se. Escuridão. Não trocámos mais uma palavra. Apenas o seu respirar manso quebrava o silêncio. Mas eu sentia-me tranqüilo, quasi feliz. Havia alguém tão pobre como eu a dormir ao pé de mim...

LEÃO PENEDO

EM TODOS OS LADOS SE DORME...



RECORDAÇÕES DO VELHO ROSSIO

OLHAMOS para este sugestivo desenho de Mestre Roque Gamero, representando um aspecto do velho Rossio — e a nossa imaginação enche-se logo duma revoada fértil de recordações.

Remontamos muito atrás. Muito atrás. Lá para os princípios do século XIX quando o Rossio era ainda terra solta e nada mais. Ali se cruzavam os peões e os cavaleiros, as cadeirinhas das belas damas e as segas dos fidalgos bilhentos. Ali se cruzavam as mulheres do povo, com seus capotes e lenços característicos e os peraltas presunçosos que cheiravam rapé e compunham madrigais. Ali se fazia a já famosa Feira da Ladra.

Como hoje, as suas moradias eram disputadas a peso de ouro, apesar de velhas.

Quanta história — a desses antigos estabelecimentos do Rossio velho? Quanta história — e quantas recordações?!

Não falando já no célebre «Café das Luminárias» e no célebre «Nicolas» podemos contudo referir-nos por exemplo à botica do Azevedo — uma botica que toda a Lisboa do seu passado bem conheceu. Ela era uma das três boticas mais antigas da capital.

Nesse tempo, as boticas não serviam apenas para preparar remédios. Conta-se que o médico Joaquim Henriques de Palva dava, na Azevedo, lições gratuitas de química e de farmacologia. Outros costumes!

E Nicolau Tolentino legou à posteridade aquele magnífico retrato poético dos dois velhos que esqueciam o tempo, jogando gamão ao fundo da botica. Quem se não lembra do magnífico soneto de Tolentino que principia assim:

Em escura botica encantados  
Ao som da grossa chuva que caía  
Passavam de Janeiro um triste dia  
Dois ginjas no gamão encarniçados.

Como tudo está mudado! Antigamente, ficava aqui mesmo onde está a tabacaria Mónaco, a mercearia de outros costumes: tinha sempre moe José Dias, o Consciência. Até ele era um merceiro de outros tempos e de das para os trocos e nunca roubava os fregueses...

Ali, à esquina, encontramos um prédio imenso, que viria para a Rua Nova do Carmo. Foi um convento e pertenceu aos frades Grillos, cedido pelas freiras Grillas.

Ah, velho Rossio, como tu mudaste tanto em tão pouco tempo!

Lá ao fundo ergueram o Teatro de D. Maria II, inaugurado oficialmente em 13 de Abril de 1846 com o drama em 5 actos «Alvaro Golçalves ou os Dóze de Inglaterra» representado pela Companhia do Teatro da Rua dos Condes.

Depois, as casas, mudaram de nomes, os estabelecimentos trespassaram-se, a cidade ganhou uma feição nova e o Rossio acompanhou essa feição.

É certo que, de mistura com as coisas de hoje — o Rossio ainda possui muitos restos de ontem.

É uma das suas últimas tradições foi a dos pretos caiadores, sujos e maltrapilhos que apregoavam os seus dotes artísticos por dez réis de mel coado. Mas nem só os negros caiadores caracterizavam o velho Rossio: os aguadeiros com o seu pitoresco «Aú!», as vendeiras de castanhas, as palmilhadeiras de meia de seda, os maltezes audaciosos e tantas outras figuras da Lisboa antiga — ficaram como recordações populares difíceis de esquecer.

ALFACINHA



É o nosso dia de descanso. No sábado à noite, fazemos contas maravilhosas: «Amanhã, levantamo-nos tarde, lemos o jornal na cama, não saímos de casa. Vai ser magnífico».

Nesse tempo, as boticas não serviam apenas para preparar remédios. Conta-se que o médico Joaquim Henriques de Palva dava, na Azevedo, lições gratuitas de química e de farmacologia. Outros costumes!

Depois, deliciosos, satisfeitos, começamos a gozar um bom sono. Mas os prazeres acabam depressa.

Como é domingo, os primos e os tios lembram-se de nos vir convidar para um passeio. Resmungamos, recusamos, defendemo-nos. Contudo, as perspectivas são tão agradáveis, a amabilidade é tanta, a proposta veste-se de tamanha oportunidade: «Levamos comida, temos tudo preparado, isto não custa nada!» — que acabamos por ir com eles.

Final, o sono resumiu-se a uma tentativa de duas ou três horas.

Partimos às oito da manhã. Os combóios vão cheios, absolutamente cheios. E nós ficamos pasmados diante de tanta gente que resolveu perder o bom descanso do domingo.

A disposição é esplendida, todos conversam, enotam-se namoricos, palpitam-se «flirts», trocam-se olhares e promessas.

Estação a estação, o combóio vai metendo e despejando mais gente. Aparecem canastras, garrafas, sorrisos, chapéus atirados para a nuca, olhos famintos de sono. O nosso caso deve ter sido repetido dezenas, centenas de vezes.

Das janelas, olhamos a estrada e vemos passar bandos de raparigas e de rapazes pedaliando entusiasticamente nas suas bicicletas. Alguém, a nosso lado, murmura: «Aqui é que é bom!». Abanamos a cabeça. Lembra-mo-nos de que os raparigas e os rapazes são costureiras, empregados de escritório, que passaram os dias da semana a trabalhar como uns desalmados à espera do domingo e que,

DOMINGO

agora, vão ali pedaliando em corridas doidas...

De facto, os nossos avós estavam muito atrasados. É certo que, aos domingos, as meninas não saíam, entretidas em leituras ou recitações. E os rapazes andavam pelos jardins, pacatamente, serenamente. E as pessoas de idade sabiam ganhar um merecido repouso ao domingo. Mas que interessava isso, se eles não gozavam o prazer de se espezinhar e amolgar, nos eléctricos ou nos combóios, se eles não faziam passeios turísticos em bicicleta, etc. e tal.



Até o almoço tudo decorreu menos mal. Mas na altura da comida, surgiram uns pequenos conflitos. A prima esqueceu-se do assado, e a tia não trouxe a fruta, o engraçado sobrinho comera todo o queijo pelo caminho. Assim, eramos oito e os mantimentos mal davam para três. Portanto, nós, os convidados, que já tínhamos tudo preparado, que não devíamos gastar nada, fomos obrigados a pagar o nosso almoço num restaurante caro e com preços dobrados... por ser domingo e haver muita gente de fora.

A tarde foi deliciosa. Primeiramente, o sobrinho engraçado escoregou, caiu, feriu-se, houve berreiro e tivemos de o levar ao colo à farmácia mais próxima. Depois, o tio e os primos não nos largaram enquanto não os acompanhámos ao futebol.

E a sessão foi muito variada. Até houve polícia e cavalos. Venceu um dos grupos. O outro perdeu. E nós ficámos sem a cartelinha das moedas, no meio das confusões.

Apanhar lugar para regressar à capital — constituiu, talvez, o «clou» da festa. Só respirámos à vontade quando chegámos à Avenida da Liberdade.

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

Ao nosso já volumoso arquivo de cartas enviadas pelos leitores, extraímos mais alguns protestos e mais algumas reclamações:

Depois das sete horas da tarde, quando escurece, aquele passeio dos Restauradores que vai desde o elevador da Glória até ao Palace-Hotel fica mal iluminado. Além disso, está sempre cheio de passeantes apressados. Pois bem, ao redor das árvores plantadas no passeio há umas enormes poças de lama. Já várias vezes, eu e pessoas amigas sofremos o percalço de nos molharmos. Porque não arranjar uns gradeamentos ao redor dessas árvores? Seria mais bonito e mais útil.

EMILIA DE JESUS — Rua do Loreto, 31, 2.º.

Todas as manhãs quando saio de casa para ir para o emprego sou obrigado a fazer o percurso nos carros abertos que vêm das Amoreiras. Santo Deus, se a Companhia possui tantos carros fechados, por que utiliza os abertos nesta quadra do ano e a horas tão matutinas?

VITOR CERQUEIRA — Rua das Amoreiras, 1, 5.º.

No domingo, dia 5 de Dezembro de 1943, pelas vinte horas, tomei o carro eléctrico 450-10 que fazia a carreira Graça-Sé. O condutor deu-me um bilhete de \$50 e eu entreguei-lhe uma moeda de \$500. Disse-me que não tinha trôco e eu esperi. No Rossio, porém, dirigi-me a ele, pois estava com muita pressa. Então o senhor condutor entregou-me 3\$50 afirmando que não tinha mais dinheiro. Com a pressa que levava, não pude discutir e perdi 1\$00. Estão de acordo com esta maneira de proceder dos empregados duma Companhia rica!

R. DOS SANTOS GOMES — Rossio, 3, 4.º.

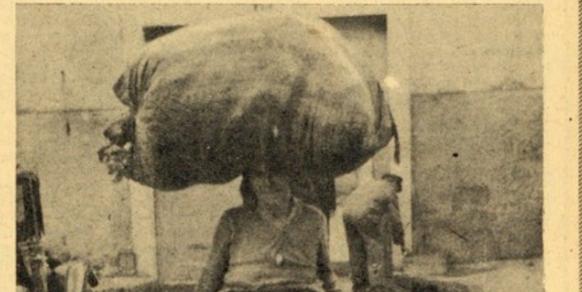
No meu prédio, a porteira está no seu estado interessante e não deve fazer uns certos trabalhos pesados. Mas há uma inquilina com tão grande mania de limpeza que obrigou a mulherzinha a limpar-lhe a escada, sob o pretexto de se ir queixar ao senhorio.

MARIA DAS DORES GUILMARAES — Rua Zaire, 5.

Aqui há tempos, mandei pedir à minha família umas coisas com certa urgência. Enviaram-me o que eu pedira como encomenda ao domicílio. Todavia, a encomenda só me chegou às mãos três dias depois do aviso. Ultimamente, o facto repetiu-se. Não haveria possibilidade de remediar estas demoras bem prejudiciais?

S. CORTE-REAL — Rua Açores, 16, 2.º.

TRAPO VELHO...



CALCULE, esta revista que você está a ler é feita de trapos velhos. Não acredita? Pois é verdade. Os garotos apanham os trapos que aparecem nos caixotes do lixo. Depois as mulheres vendem esse trapo e, finalmente, é aproveitado para fazer tecidos, papel, vidro e muitas outras coisas. Quem havia de dizer que o trapo velho tem tanta utilidade...



REPÓRTER DOIS.

## QUE VIRÁ DEPOIS?

**A** guerra continua. Mas é fora de dúvida que chegámos a um ponto em que a importância dos pormenores propriamente da guerra — operações militares — é largamente ultrapassada, na justa curiosidade da opinião internacional, pela extensão dos problemas já relacionados com a organização da paz. Cada um propõe as suas sugestões — e tem de se reconhecer, sem nenhum exagero, que muitas delas são do domínio do surpreendente. Que será o mundo depois da guerra? Como se repartirá a carta da Europa? Como se organizarão os povos?

Há um mês assinou-se aqui, na primeira das crónicas desta série, que o marechal Smuts tinha ficado em Londres — e presumimos que, provavelmente, para comunicar ao mundo alguma coisa de inesperado vulto. Parece que os acontecimentos vieram confirmar a previsão, pois já o marechal, Primeiro Ministro do Unido Sul-Africano, pronunciou na capital britânica um discurso que tem de ser apontado como discurso sensacional — ainda por cima com duas características: só foi dado a público cinco dias depois de pronunciado e a sua divulgação coincidiu com as reuniões do Cairo e de Teherão. Propósito? Acaso? Façamos aos dirigentes da diplomacia a justiça de não supor que possa alguma destas estrepitosas proposições surgir como produto de natureza fortuita...

O que Smuts disse é já sabido: que depois da guerra só ficariam com categoria de grandes potências os Estados Unidos da América, a Grã-Bretanha e a Rússia. A França e a Itália, ao menos por agora, seriam riscadas do quadro dos povos de primeira grandeza. O artigo do *Observer* da penúltima semana — com ar de crítica suave — pode ter o valor de uma interpretação. A ideia será a da formação de uma Federação ou confederação de Estados continentais, a que a Grã-Bretanha se associe e que possa dar a esse bloco, de significação europeia, uma estrutura e uma importância suficientes para jogar em equilíbrio no tripé de que Washington e Moscovo são as outras duas bases. A ceceima suscitada pelas opiniões de Smuts foi em ponto grande. Decerto, pode muito bem considerar-se que o discurso não tem nenhum carácter decisivo, que as opiniões postas não reflectem nenhuma decisão irremediável — mas não se pode esquecer que o marechal é uma figura da maior significação dentro da Comunidade Britânica. As sugestões por ele apresentadas podem não ser definitivas, mas temos de entender que não são irresponsáveis. Pelo contrário — até que isto se desmintia pelos próprios factos — a suposição natural é que se entendeu necessário proferi-las, ao menos com a função de sonda, de tomar o pulso à opinião internacional, de assinalar as reacções que pudessem provocar — e que já provocaram...

Seja como for, a verdade é que, por entre as incertezas da guerra, o mundo debate-se já nas incertezas da paz que há-de vir. Nas conferências sucessivas de Quebec, Moscovo, Cairo e Teherão, a par das equipas de constituição, em território jugoslavo, já controlado pelas forças nacionais. Para onde? A incerteza revela-se em aspectos múltiplos. Assim, também aqui assinalámos a situação resultante da existência de governos exilados, que podiam revelar-se em contradição com os pontos de vista dos seus próprios povos, vivendo hoje sob regime de ocupação estrangeira. Os factos não tardaram a fornecer um exemplo vivo desse estado de coisas, com a constituição, em território jugoslavo, já controlado pelas forças nacionais, de um governo — o general Tito é a sua figura mais saliente — que se considera em oposição ao que, primeiro em Londres, agora no Cairo, exerce numa certa quota de autoridade em nome do jovem rei Pedro.

O problema está pôsto — e não lhe falarão, por certo, novas ilustrações. O tempo falará. Por agora, na floresta de enganos que é o destino dos povos, temos que nos limitar a fazer, em silêncio, as nossas íntimas suposições. ao mesmo tempo que vamos ouvindo suposições alheias. como esta, do próprio Smuts, que deixa transparecer a mais inquietante dúvida: talvez que nos contemplemos com um armistício normenorizado e completo, deixando passar muitos anos para se atingirem decisões definitivas.

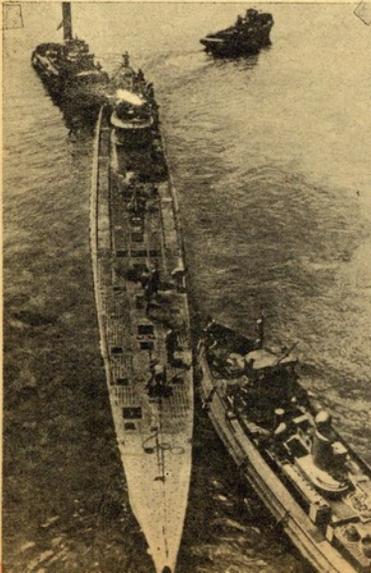
O que — convenhamos — não é prometer muito...

J. R. S.

## ALEMANHA VAI RECOMEÇAR

### a guerra submarina!

**D**OENITZ e, de um modo geral, todos os porta-vozes dos altos comandos alemães, anunciam para breve um começo da batalha submarina, em larga escala, e dentro de processos técnicos e de estratégia novos. Pode dizer-se que os países aliados aguardam essas ataques, em massa ou isolados, e que tomarão posições. Entretanto, neste momento — o mundo está suspenso desse ebullitiz marítimo, esperando que a relativa calma reinante nos domínios da guerra bem se podem julgar prenúncio de maior tempestade.



Eis, nesta foto, uma das fases dos exercícios do novo curso da guerra submarina. O submarino tem carta de prego. Vai partir para o mar alto e é acompanhado por três rebocadores. O engenheiro controla os movimentos das unidades que, lentamente, principiaram a emergir. Se à superfície surgirem manchas de óleo ou bólbhas de ar, o submarino não pode seguir o seu destino e recorre aos estaleiros. Enfim, a foto pode dizer-nos que as provas foram as melhores. O barco emergiu, portanto dentro de dias poderá partir para a sua carreira de caça ao inimigo. A guarnição recebe a sua equipagem completa mas não sabe para onde vai — salvo se, a sua experiência lhe revelar que com chapéus coloniais só podem dirigir-se aos mares do Sul...

## AMÉRICA

### O HOMEM QUE DERRUBOU A ÚLTIMA BARREIRA RUSSO-AMERICANO



**D**E um dia para o outro, desapareceu do xadrez político o nome de Sumner Welles. Ele era a última expressão da descon-fiança entre a Rússia e a América — representava a primeira forma da política rooseveltiana. Sumner Welles era um símbolo de firmeza mas os acontecimentos aconselharam menos rigidez na elaboração de programas. Por isso ele foi desligado da política, para ser substituído pelo sr. Stetinius que é agora o novo sub-secretário do Governo dos Estados Unidos.

Donde vem este homem que derrubou a última barreira que separava russos e americanos, no entendimento desta guerra?

Colsa curiosa: Stetinius vem de dirigir a repartição de material de guerra que satisfaz sempre, com o maior escriptulo, quantas necessidades os russos manifestaram, para manter as operações na frente leste.

O antigo aluno de teologia que depois se fez industrial, porque renunciou à carreira de pastor, é entretanto um missionário, um crente praticante, que todas as semanas partia para as regiões montanhosas do Kentucky, a ministrar conforto moral e material aos pobres que o ouviam. Mas, um dia, Roosevelt chamou-o para o seu papel na politica de guerra — e Stetinius que ganhava por ano 100 mil dólares na sua vida de grande industrial, passou a receber o dólar simbólico que o Presidente lhe dá... E, entretanto, como director da repartição de material de Guerra, Stetinius podia assinar cheques de 300 milhões de dólares...

É este homem o novo ministro dos Negócios Estrangeiros dos Estados Unidos da América.

## O FILHO E A ESPOSA DE CHANG-KAI-CHEK

### CHINA



**E**STA trindade familiar, notável pelo papel que está a desempenhar no ressurgimento da China republicana, foi agora posta em destaque no palco dos grandes acontecimentos mundiais: Chang-Kai-Chek foi ao Cairo conferenciando com Roosevelt e Estaline, acompanhado de sua esposa.

Que teria ido fazer a senhora Chang-Kai-Chek à conferência dos três?

A margem do seu papel político, a esposa do generalíssimo, que foi educada nos Estados Unidos — veja-se a foto, à americana! — pelo que domina absolutamente o inglês, teve o seu papel de intérprete, pois seu marido, educado no Japão, sabe apenas falar japonês e, naturalmente, o seu idioma. Diz-se que o generalíssimo tem o ouvido duro para o inglês, não obstante a esposa se esforçar por lho meter na cabeça...

A outra figura da família Chang-Kai-Chek é o filho do casal — Chang-Ching-Kuo — que recentemente foi nomeado major-general e comandante do 9.º exercito chinês.

Naturalmente, não sabiam que a sr.ª Chang-Kai-Chek tem um filho de 25 anos?





1926



1928



1931



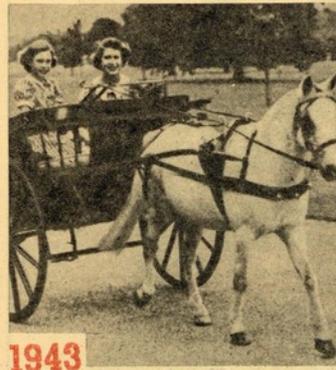
1938



1940



1941



1943



1943

## INGLATERRA

# A PRINCEZA ISABEL APRENDE A SER RAINHA

A 21 de Abril de 1926, nascia em Londres, em casa de seu avô, o conde de Strathmore, uma menina que recebeu o nome de Isabel Alexandra Maria de York, que mais tarde seria feita herdeira do trono de Inglaterra. A assistir ao nascimento da pequena princesa, estava o ministro do Interior. Entretanto, não deveria ser mais que um membro ilustre da família de York a pequenina Elisabeth que o destino tinha fadado para maiores glórias. Jorge V, seu avô e seu rei, falecia em 1935; seu tio Eduardo VIII abdicava e seu pai subia ao trono em 1936, com o nome de Jorge VI. Isabel tinha então 10 anos e começou a aprender a reinar...

1926 — A princesa Isabel ainda não sonha com um trono.

1928 — Na Austália, para onde foi depois do baptizado, a princesa aprende a andar.

1931 — Tem agora 5 anos e aprende a andar de triciclo.

1938 — O pai subiu ao trono há dois anos. Isabel será rainha e aprende a passear como tal, em companhia da avó, a rainha Mary.

1940 — É escoteira e aprendeu a nadar excelentemente. Mas sabe também já desempenhar o seu papel: aqui está no seu primeiro discurso pela rádio, dirigido às crianças do Império.

1941 — Uma fotografia formal da futura rainha, ao lado de sua irmã Margaret, 4 anos mais nova.

1943 — Ela é coronel honorária de um batalhão da guarda de granadeiros. Aqui está a proceder à inspecção — um pouco envergonhada...

1943 — A herdeira do trono de Inglaterra tem agora 17 anos. É uma linda mulher e encanta pela simplicidade. Como não há-de saber reinar?

## AMÉRICA

# O ESTRANHO CASO DO GENERAL PATTON

PODE dizer-se que, durante as últimas semanas, o nome do general Patton tem interessado talvez mais a opinião pública norte-americana do que as conferências do Cairo e de Teherão. Esse nome, há muito popularizado entre os seus compatriotas, tornou-se um símbolo e um motivo de discussões amplamente justificadas pela natureza do caso estranho que com ele aconteceu há algum tempo.

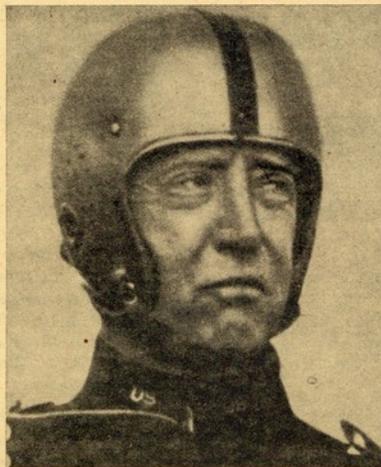
O general Patton é uma figura muito conhecida e justamente celebrada nos meios militares do seu país. A sua carreira profissional tem sido percorrida no meio de aventuras e de episódios, alguns deles dramáticos e que são mais do que suficientes para atestar a bravura lendária do seu protagonista. Possuidor duma grande fortuna pessoal, sem filhos e sem uma vida social intensa, pode dizer-se que a paixão das armas tem dominado toda a sua existência.

O general Patton esteve na Europa durante a conflagração de 1914-18, e distinguiu-se pela sua competência profissional e sobretudo pelo ímpeto com que se envolvia nas acções mais arriscadas. Um desprazo total pela vida, um entusiasmo irradiante pelos carros que faziam então a sua aparição na Flandres, decidiram rapidamente dum destino que havia de ser, mais tarde, assinalado nas páginas da história militar do seu país.

Feita a paz, o general Patton não mais deixou de estudar os aperfeiçoamentos que a técnica e a experiência iam consagrando ao progresso da motorização e das suas aplicações na arte da guerra. Especializou-se assim rapidamente, e o seu nome começou a ser apontado como uma das grandes esperanças que os acontecimentos não deixariam de confirmar no dia previsto em que os Estados Unidos se vissem obrigados a lançar todo o peso dos seus recursos na luta que voltava a assolar o continente europeu e ameaçava alargar-se ao resto do mundo. Os factos confirmaram os ventúrios que vinham sendo feitos nos meios militares norte-americanos a respeito daquele oficial, tão taciturno como competente. A confirmação foi uma conse-

quência da intervenção dos Estados Unidos na guerra, intervenção que se tornou oficial depois do episódio de Pearl Harbour.

O general Patton foi, depois de ter sido decretado o serviço militar obrigatório nos Estados Unidos, encarregado de organizar e adestrar a primeira divisão blindada norte-americana que devia ser o exemplo e o modelo do exército de especialistas que os americanos desejavam lançar na batalha,



lago que isso se tornasse necessário. A divisão blindada de Patton tornou-se, rapidamente, um corpo de «élites», pelo valor técnico de todos os seus componentes, pela rígida disciplina imposta pelo chefe e pela decisão que a todos animava de consagrar o nome do seu país no estrangeiro.

O general Patton comandou, em Novembro do ano passado, o desembarque dos norte-americanos em Marrocos. A resistência local exigiu o emprego da força. Patton empregou-a, com um sentido único: alcançar rapidamente a decisão. Combateu, depois disso, arduosamente na Tunísia e assumiu o comando do 7.º exército norte-americano que devia, algum tempo depois, desembarcar na Sicília e no continente.

O seu nome confirmou, assim, rapidamente, o extraordinário prestígio de que já gozava. Mas ninguém deixava de contrastar esse prestígio com os hábitos e as tendências pessoais do general, sempre inclinação à acção. Há algumas semanas, o general Patton, ao percorrer, em visita de inspecção, um hospital norte-americano instalado na Sicília e, onde se encontravam numerosos doentes evacuados da frente, por pedecerem de pestunções nervosas, deu uma bofetada num dos soldados internados depois de lhe ter chamado o coarde por não querer bater-se na frente de batalha.

O caso foi revelado por um jornalista norte-americano e, mais tarde, confirmado pelo general Eisenhower, tendo sido largamente ventilado no Congresso e na Imprensa dos Estados Unidos. O general Eisenhower entendeu que o caso não o levava a prescindir dum colaborador da categoria de Patton, que tinha prestado sempre os mais assinalados serviços. Mas o comandante-chefe da frente do Mediterrâneo considerou, de seu dever, censurá-lo, advertindo-o de que a repetição do incidente acarretaria a sua passagem à reserva. A atitude do general Patton que, como dissemos, é uma das figuras mais representativas do exército norte-americano, tem sido, como é natural, objecto de numerosos e desencontrados comentários dentro e fora dos Estados Unidos.



## ALBERTO BARBOSA

**L**UIZ Derouet dizia-me, uma vez, na redacção da «Manhã», apontando-me um vulto que, numa mesa, ao centro, se debruçava sobre uns papéis:

— Ali onde se vê, ou eu me engano muito ou há-de ser, em breve, um dos nossos autores com mais obras representadas no teatro — e menos cabelos representados na cabeça...

O vulto era o de Alberto Barbosa. A profecia cumpriu-se. Na verdade, a obra teatral de Alberto Barbosa é hoje tão numerosa — como são raros os seus cabelos. Se a calva significa, na opinião de alguns, um atributo académico digno do Olimpo, Barbosa, não desfazendo, mereça-a com inteira justiça. Há trinta e tantos anos que este homem vem fazendo do teatro, não apenas a sua profissão, mas a sua paixão. Vive d'êlo — mas também vive para êle. Na sua bagagem de «globe-trotter» transporta dezenas de peças. Nem todas serão obras-primas, mas, mesmo naquelas que se não revestem duma auréola de ouro, se adivinha qualquer coisa de abelha e de raposa — que é, no fundo, personalidade. Desde o 31 à Romaria está uma existência passada entre bastidores. Há quem diga que no teatro por cada grande êxito, os autores diminuem um ano. Se assim é, ainda havemos de ver Alberto Barbosa, menino de poucos anos, de bibe, calção e cabelo «à mamã» — é claro, postíço... Nada mais, sinceramente, lhe desejamos.

## A MANEIRA DE CAMÕES

Dinheiro, fôgo que arde sem se ver  
Em contas mil incessantemente;  
Doce contentamento descontente  
Quando se ganha apenas p'ra perder.

É querer mais, mais do que querer;  
É pensar nêle sempre, loucamente;  
É um não contentar-se, de contente;  
É um mal que desatina sem doer;

É um estar-se prêto por vontade;  
É servir de bom grado a redeza;  
É ser pobre com manto de sababo;

É ter, quando se gasta, humildade;  
Mostrar, quando se tem, certa pobreza;  
Viva o dinheiro — e que o leve o diabo!

## CURA DE ARES

**A** Livraria Clássica Editora, metendo ombros à reedição da obra de Ramalho, não honra apenas a memória dum dos mais ilustres cultores da prosa portuguesa: proporciona a muitas pessoas, por preços módicos, uma autêntica cura de ares. Na verdade, ler a prosa de Ramalho é, de certo modo, respirar fundo, no convívio da Natureza. Tudo aquilo é, literariamente, forte, claro, sádio, luminoso — como êle próprio era. Eça de Queiroz costumava dizer que, entre uma população de anémicos, deslumbra ver a figura sólida e alegre do seu intrépido companheiro das *Farpas*. De facto, Ramalho, educado fora do romantismo, não tinha o vício sentimental da «rêverie», da tristeza mórbida ou da desconolação melancólica: era, física e psicológicamente, uma personalidade, admiravelmente sã. O carácter fizera d'êlo um homem firme; o banho frio fizera d'êlo um homem forte. Não escrevia a lápis. Não usava camisola, Trabalhava, em regra, da meia noite às quatro da manhã, defronte duma janela aberta, fôsse verão ou inverno. Creio que será, na história multi-secular da nacionalidade, dos raros portugueses sobre cujo túmulo se poderia gravar com justiça:

— Aqui jaz um homem que nunca se constipou!

Escrevo estas palavras, tendo fechado, há pouco, a última página da nova edição das *Praias de Portugal*. Nesta série, tão viva e tão pitoresca, de recordações de viagem no litoral português, a nota dominante é ainda constituída pelo elogio do mar, da água, do banho frio, do ar livre, da Natureza admirável e fonte do bem, da saúde, do vigor, da energia, do carácter. Não hesitem, meus amigos: quando quiserem ir para fora — metam-se em casa a ler Ramalho. Respiram, arejam, ouvem um raro conversador, e não estragam o estômago nos hotéis — à razão de cem mil réis por dia, fora a diária, os extraordinários, as gorjetas e o turismo...



### ENSINO UNIVERSITÁRIO



Eça de Queiroz, ironia jásicante como o monóculo, traçava uma vez, há 70 anos, o panorama do nosso ensino universitário.

— Suponham — dizia êle — um edifício histórico fundado por D. Dinis.

O aluno entra; faz uma cortezia profunda ao lente; lê, lá dentro, um romance que traz na algibeira; e sai fazendo ao lente nova cortezia profunda...

E Eça concluía:

— Se não fizer isto — já sabe — fica reprovado...

### CABRAL E COUTINHO



Gago Coutinho, o mais almirante dos nossos aviadores e o mais aviador dos nossos almirantes, resolveu regressar do Brasil a Portugal num simples barco à vela, seguindo, conforme as suas próprias declarações, a rota que seguiu Pedro Álvares Cabral — mas ao contrário. Quere dizer: se a Cabral ficámos devendo a descoberta do Brasil, a Coutinho ficaremos devendo a descoberta de Portugal... Os nossos agradecimentos.

### PARADOXOS

#### DIREITO DE OPÇÃO



Sabemos que Joaquim Paço de Arcos, cuja actividade não conhece limites intelectuais, deu à empresa Amélia Rey Colaço — Robles Monteiro o «Direito de Opção». «Direito de Opção» é uma peça: a segunda peça do autor. E sabem por que se chama «Direito de Opção»? Porque a empresa tem o direito de optar por êste título — ou por outro...

contrá-lo, perguntei-lhe:  
— Que vai você fazer com tanto dinheiro, homem?  
Logo êle, com o mais irónico e filosófico dos sorrisos:  
— Vou fazer dívidas...



Almeida Amaral, infatigável trabalhador, tem em cena duas peças de grande sucesso em que o seu nome surge: uma no Avenida, outra no Variedades. Uma noite destas, ao en-

contrá-lo, perguntei-lhe:  
— Que vai você fazer com tanto dinheiro, homem?  
Logo êle, com o mais irónico e filosófico dos sorrisos:  
— Vou fazer dívidas...



## UMA RAINHA NEGRA

Esta simpática prêta foi eleita rainha de beleza da sua tribo. O seu penteado é conhecido pelo nome de «raios de sol». Não pensem os leitores que foi necessário recorrer a institutos de beleza ou a extraordinários aparelhos de «coquetrie» feminina, para se conseguir este surpreendente efeito que, com certeza, pesou imenso na apreciação do júri. Bastou, para isto, um pouco de barro pegajoso. A formosa Zanúla, que vêem nesta foto, tem apenas dezóito anos e ainda não casou, se bem que seja rodeada e perseguida por imensa côrte de admiradores...

## Um trem de espantar!

SEM dúvida que no mundo há muitas coisas curiosas. As vezes, porém, elas tomam aspectos tão bizarros que quasi atingem o domínio da irrealidade.

Isto vem a propósito de um trem que apareceu em 1649, em Nuremberg, na Alemanha. Era um trem que andava sem o auxilio de cavalos. Ou melhor: em vez de cavalos eram usados três homens. Um deles manejava o volante; os outros dois, escondidos no interior do trem, faziam-no avançar, accionando uma espécie de alavanca que punha as rodas em movimento. Este precursor do automóvel dos nossos dias tinha um engenhoso dispositivo para que os transeuntes se ardessem à sua passagem. Sobre a tampa do motor, chamamos-lhe assim, estava colocada a figura de um grande dragão que expelia água pelas narinas a uma distancia de cinco metros.

A velocidade de tão estranho veículo não ia além de 3 escasos quilómetros. É certo que, feito um percurso destes, os pobres homens-cavalos ficavam suados, meio-mortos e não havia aveia... perdão! — não havia água que os fartasse...

## DO LEITE TAMBÉM SE FAZEM CAMISOLAS

FOI a guerra da Abissínia que fez nascer na Itália uma nova indústria: a lã extralida do leite, ou elanital, inventada pelo professor Ferretti.

Em tudo a nova lã é semelhante à lã do carneiro merino. As suas propriedades é que não são exactamente as mesmas. A tenacidade, a elasticidade e a feltagem de um fio de elanital é muito inferior à de um fio de lã natural. Todavia, misturando partes iguais destas duas lãs, obtem-se um tecido que nada fica a dever ao natural.

Depois de desmatado, o leite é tratado pelo ácido sulfúrico diluído. A caseína coagula e separa-se do soro, que é espremido, lavado e prensado para se tirar a água que contém. Depois, submetida à acção de certos plastificantes que constituem o segredo da invenção, a caseína fica pronta para passar nos fiéis.

Resta apenas dizer que dos 40.000.000 de hectolitros, que é a produção anual de leite na Itália, dois terços são destinados à fabricação de elanital.

## S A B E M QUEM FOI PASCAL?...



MIXTO de sábio, de poeta e de crente, Pascal foi um dos homens mais famosos do seu tempo. Aos dezasseis anos, sózinho, sem a ajuda de mestre, conseguiu aprender geometria. Melhor ainda: transformou-a, reinventou-a. O seu «Ensaio sobre figuras cônicas», publicado por esta altura, despertou tão grande interesse e curiosidade que, segundo se afirma, conseguiu provocar ciúmes ao próprio Descartes.

Dois anos depois, Pascal criava e fazia construir uma máquina de calcular. Foi a primeira grande manifestação do seu espirito prático, que sempre procurou tirar resultados úteis do abstracismo das ciências.

Pascal conseguiu conciliar o cientista com o místico, que vivia dentro de si, sem que nenhum deles viesse prejudicar a actuação do outro. Se bem que possuindo aquilo a que elle próprio chamou de «espirito de geometria», rigor de dedução lógica, perdia-se na contemplação do céu, chegando mesmo a ter noites de êxtase religioso, como naquela noite de 23 de Novembro de 1654, em que, braços abertos, olhos escancarados, exclamou: «Fogo... Certeza. Certeza. Sentimento. Alegria. Paz... Alegria. Alegria. Prantos de alegria».

Mas nunca, por nunca ser, a sua fé se opôs à ciência. Distingua nitidamente cada um dos dois campos: de um lado a matéria de raciocínio, do outro a autoridade e o amor.

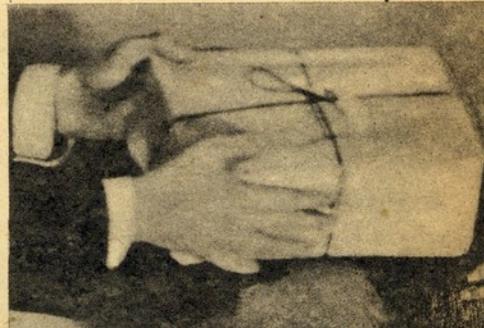
Foi por uma coincidência desagradável que Pascal teve o primeiro contacto com o Jansenismo, essa doutrina deixada pelo bispo de Ypres, Jansen, num livro apparecido em 1640, que era um comentário às doutrinas de Santo Agostinho. Neste livro, declarado herético pela Sorbone, Jansen pretendia que o homem, para garantir a sua salvação no Além, devia ter recebido a graça de Deus por predestinação, sem poder esperar merecê-la pela sua conduta na terra.

O pai de Pascal, que havia quebrado uma perna, fôra tratado por dois médicos, fervorosos adeptos do Jansenismo, que não tardaram em convencê-lo, assim como toda a família.

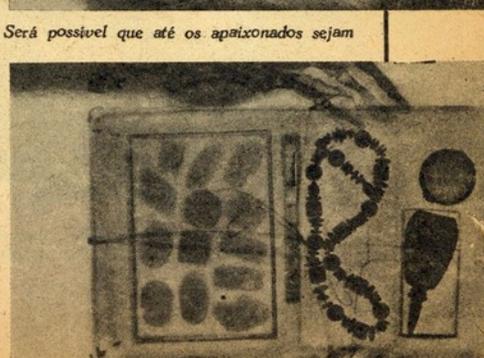
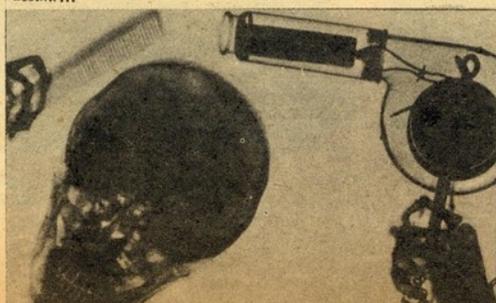
Nesse tempo, Pascal fazia os seus estudos sobre o vácuo e sobre a pressão atmosférica. Um acidente de carruagem fê-lo cair à cama. Então, no silêncio do quarto, o seu espirito místico começou a manifestar-se. Pensava dia e noite. Sentia-se um outro, diferente, limpo de defeitos e impurezas. «O silêncio eterno dos espaços infinitos, assusta-me», dizia. Quando restabelecido, decidiu-se a recolher ao convento de Port-Royal que representava a corrente jansenista francesa. E foi aí que escreveu as «Provinciales» e alguns fragmentos de «Pensées», um livro que não chegou a concluir, porque a morte o levou, por entre atrozes sofrimentos, nesse ano de 1662.

## AMOR... E RAIOS X

O jovem apaixonado pega no telefone para falar com a «menina dos seus sonhos». «Es tu, amor?» — pergunta-lhe elle. «Posso ir tomar chá contigo?». Ela sorri, diz que sim. E corre ao cabeleireiro para se pôr bonita... A hora marcada, o jovem apaixonado aparece. Vem tão elegante! Trocam um beijo, com certeza, e, depois, elle oferece-lhe uma linda prenda.



Vejamos, agora, a mesma cena, mas... ao Raio X. Horror! Será possível que até os apaixonados sejam assim!...



# COMO SE FAZ UM GRANDE

# JORNAL!

## VIDA E MORTE DAS GRANDES EMOÇÕES



O redactor de serviço recebe as notícias pelo telefone.  
E não perde tempo: ouve, escreve — e fuma...



Chegam os telegramas do estrangeiro. É preciso não ceder à invasão...



A menina dos telefones tem um trabalho. Mas, ao menos, ela sabe de todos — e dela é que ninguém sabe!

**A** expressão é lugar comum. Mas isso não quer dizer que não encerre uma verdade todos os dias verificável: o jornal é uma janela aberta sobre o mundo, um pulmão por que se respira a vida de outros povos. Os povos que não dispõem de uma imprensa firmada em boas leis de moral e fundada em princípios de crítica livre e ponderável — não têm lugar ao sol nem podem aspirar à compreensão e conhecimento de outros povos. Naturalmente que cada clima forja a estrutura moral do impresso — mas as leis gerais da imprensa são imutáveis em todo o mundo e a forja que a gerou é filha do mesmo ventre. Por isso, os homens dos jornais são sempre e em toda a parte talhados na mesma escola que faz de cada um objecto de análise e de investigação públicas. Dentro da sua função moral e social — porque a devem ter — jornal e jornalista fundem-se no mesmo bloco e comunicam-se as mesmas virtudes e defeitos. O público que pela manhã ou pela tarde se debruça sobre as folhas impressas fumadas da tinta, sente mas não compreende que é assim, na ignorância das coisas que se passam dentro das salas amplas das redacções e para lá das oficinas. Ele sabe que o que está ali é um produto de trabalho, sente o prestígio da obra realizada — porque nenhuma arte como esta de fazer jornais se impõe mais e é mais objectiva e directa — mas não pode supor, de modo algum, quantas quebras de cabeça, angústias e ansiedades custaram essas folhas que se vendem a cinco tostões...

De facto, a vida em todas as redacções é idêntica e por uma se conhecem todas. Naturalmente que mudam os rostos dos homens que lá vivem — como muda o aspecto do jornal — mas, no fundo, sacrifício e ilusões levam todos o mesmo rótulo. O que em seguida se lê pode rotular a colmeia de um jornal de qualquer parte do mundo. As fotos é que se aplicam — porque foram feitas na redacção do «Diário de Lisboa» — por suprema camaradagem e estima de quantos lá trabalham.

\*\*\*

O dia principiou às 9 horas, quando o redactor encarregado da agenda chegou para ler os jornais da manhã, recortar as notícias do dia, colar no livro grande de folhas largas que encheu de anotações. Depois, quando o chefe de redacção chegou, inteirou-se dos acontecimentos do dia, escreveu ao lado o nome do redactor designado para fazer a notícia, a reportagem ou a entrevista, segundo a sua categoria ou especialidade. Porque, em geral, todos são especializados: os dos assuntos marítimos — agora folgam mais, que há menos barcos... — os das crónicas mundanas — escrevem menos, porque têm muito onde ir... — os das reportagens da rua, os «eratos» da Arcada, os redactores do estrangeiro. Mas, todos eles, levados pelo amor da profissão, se inspiram no mesmo desejo de descobrir alguma coisa de novo que apresentam à sanção do chefe de redacção. Este é a cabeça de um corpo, cujo cérebro é o director. A disciplina, como nas colmeias, é instintiva e beira-se num recíproco sentimento de camaradagem. Bons rapazes, os dos jornais, batem-se por todas as idéias generosas mas, às vezes, para informar, para defender a causa alheia — quanta persistência não é necessária, quanta volta não é preciso dar, quanta subtilidade não é indispensável empregar! Porque há sempre o senhor que finge não estar ou ignorar — o ardil e a espreiteza do jornalista são medida forte na pesagem das suas possibilidades profissionais...

\*\*\*

Em cada redacção há sempre, pelo menos, um redactor de serviço. É ele quem toma conta das notícias telefónicas e recebe as notícias verbais ou visitas de despachar.

— Saiba o senhor que, quando ia a descer as escadinhas do Duque, ia partindo uma perna. Não podiam fazer uma noticiuzinha a pedir à Câmara que mandasse arranjar aquilo?

Por direito de justiça, essa função de «redactor de serviço» deveria caber a todos, cada um por sua vez. Mas, por direito de conquista alheia — é quase sempre o mesmo — condescendência de circunstâncias... — quem apanha a bolada de ficar todos os dias de fadiga...

Enfim, a psicologia do repórter e do informador já são outras — eles não usam colarinhos intelectuais — são mais reinadidos, menos convencionais, mesmo porque às vezes não pactuam com as convenções da pontuação e da gramática. Bons rapazes como os redactores — mas mais animados, porque são eles que trazem as novidades, comunicam lufadas da vida fresca à sala de redacção. Por isso são sempre bemvidos e esperados como gente avissareira.

Às por volta das 11, a redacção anima-se. Se está frio, tiram-se os casacos e trabalha-se em mangas de camisa, e para aquecer; se está calor, faz-se o mesmo — para refrescar...

Entretanto, as primeiras horas de trabalho são sempre mornas — a não ser que tenha havido coisa de madrugada ou acto oficial pela manhã. Por isso as horas mais calmas se reservam a assuntos mais pensados. O director acaba o artigo de fundo, onde marcou a opinião do jornal perante os factos — em Portugal há muito poucos factos que reclamem opiniões — o chefe de redacção sempre tem tempo para ler e emendar original — geralmente é de colaboradores efémeros e publica-se

por favor — que se foi acumulando sobre a mesa de trabalho. Às vezes, mesmo, refunde tanto — que o artigo sai outro das suas mãos.

Chegou assim a hora do almoço — quando há tempo para almoçar. Porque, muitas vezes, nem se come: o trabalho aquece quando o estômago arrefece e, então, adeus, senhor almoço, nem na redacção, de pé, à pressa, há tempo para comer!...

Por volta das duas horas, todavia, é que em regra o trabalho cria nervos, repuxa a inteligência e reclama dotes excepcionais de auto-domínio, no meio da confusão. Passaram as duas horas mornas, todo o mundo está a postos. Quatro, cinco, seis telefones retinem ao mesmo tempo. As notícias cruzam-se, há pragas, o diabo:

- Menina, esta ligação está mal feita!
- Menina, ligue para Santa Maria!
- Chamam do Torel! Quem atende?
- Era para a Polícia Marítima que eu queria falar!

Tudo gira numa vestigem espantosa. Chegaram os envelopes das agências telegráficas. É preciso passar os olhos por tudo — e ter olho para num relance encontrar o que serve, dar destaque ao que é sensacional e deitar fora o que não presta. Depois, é cortar, colar, emendar o mau português dos tradutores, pôr títulos, indicar ao lado o tipo em que deve ser composto, segundo o interesse da notícia. O redactor do estrangeiro tem, assim, uma missão ingrata e de responsabilidade: e se acaso se enganar, logo à tarde, cotejando com os outros jornais o seu trabalho, verificará que lhe «passou» a melhor do dia...

De resto, o brio profissional não é só aí que manda fazer cotejos: se é certo que a sua profissão se baseia nas indiscrições alheias — não é menos certo que a discreção do jornalista é imprescindível. Dar «caixas» — notícias em primeira mão — é um consolo. Mas furá-la aos outros jornais — não o é menos...

\*\*\*

Com o bater das duas, entram as primeiras provas na censura — geralmente, o lixo do jornal, porque o lixo é a miúcha, as notícias que vêm pelo seu pé, que é como quem diz, dentro de envelope com o pedido de publicação e agradece-se. Depois, vão os primeiros telegramas, já compostos, é claro, as primeiras notícias da tarde, trazidas pelos repórteres ou dadas por telefone, pelos informadores ou simples amigos e conhecidos.

Começam agora as «consultas»: o relógio marca quatro horas, a censura retém as provas — às vezes, escorrega-se numa casca de laranja... — as notícias do estrangeiro acumulam-se, o redactor sua as estopinhas, o tempo passa, o chefe de redacção grita:

— Estamos a demorar!

Mas, calma, calma! No meio da confusão, é preciso não perder um segundo, é preciso reter os nervos, dominar as circunstâncias. Aperta-se a caneta com mais força, até os dedos doerem, a pena desliza como um relâmpago, sobre o papel e faz traços e pontos, pontos e traços...

Oh! os mártires dos tipógrafos!...

Mas, não: só eles não são mártires, neste caso, porque habituados como estão a ler originais — só eles são capazes de ler as garatuças que às vezes o redactor não lê!...

Porém, há outros mártires — e estes obscuros e anónimos: os revisores. Porque o redactor escreveu mas não leu, o tipógrafo compôs o que julgou ler — e o que saiu está ali bem patente, na frente da revisão. As provas são, então, um pavor — e no meio desta confusão de Babel que o revisor tem de saber geografia, história, ciências, francês, inglês — e até português, coitado, porque às vezes o chefe de redacção não teve tempo de ler os originais dos mais inaptos, aquilo seguiu de qualquer maneira, e, então, o revisor é que tem de pedir que se emende o disparate. E, às vezes, quando sai mal por culpa que é de todos, lá vem a rectificação: «por lapso de revisão...». E, no entanto, quantas celebridades não se têm feito à sombra protectora da revisão anónima dos jornais!...

\*\*\*

São quasi cinco horas. Levanta-se o «conflito ameno». O chefe de redacção protesta:

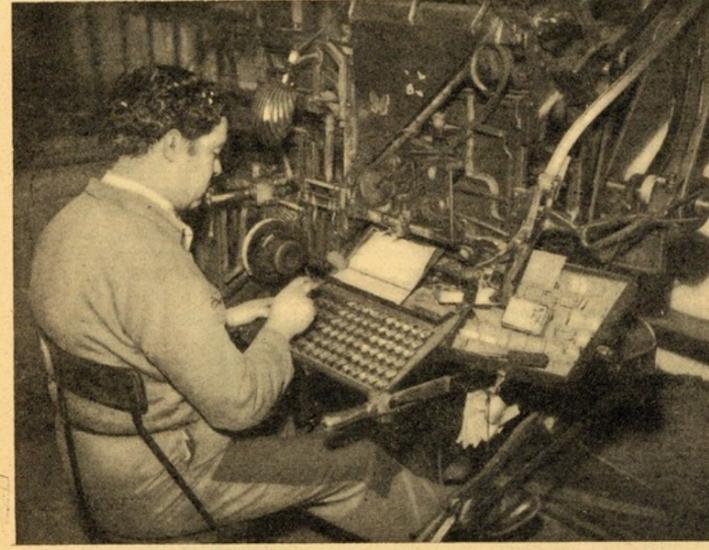
— Escanhalaram-me a página! Já não cabem mais anúncios!

Por fim, lá cabem anúncios e artigos. Na tipografia, sobre o mármore, as páginas estão montadas. O paginador foi colocando os grânéis, os blocos de

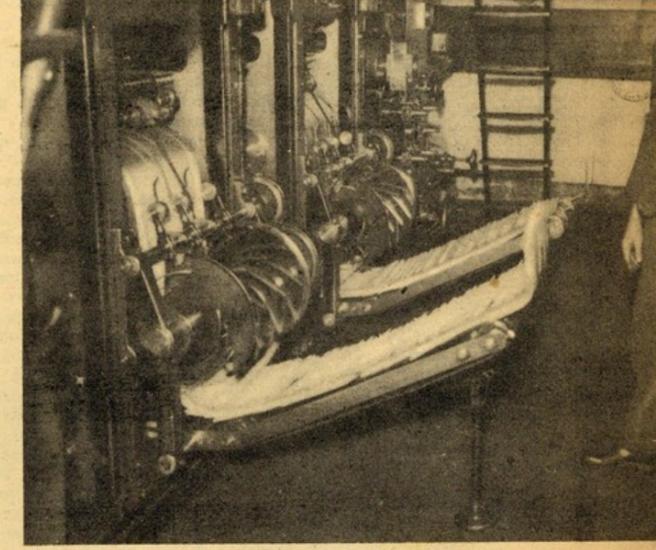
NA CAPA: Sobre o mármore, o chefe de redacção debruça-se: — «Tira-se daqui este granel!».



Às vezes, porém, o serviço vaga. Os rapazes dos jornais passam por ser pessoas de espírito e sabem-nas boas...



Com o original na frente, o linotipista vai compondo. Atenção aos hieroglifos!



O jornal está pronto. As páginas saem impressas e dobradas. Agora o trabalho é com o ardina e o público!

## MUNDOS INTERIORES

**C**ADA indivíduo transporta dentro de si um mundo de coisas e pessoas que o perseguem, que o dominam ou pelo menos preocupam. Os conhecidos e os desconhecidos, os factos e as idéias, as emoções e as reacções, tudo o que constitui a estranha bagagem desse mundo, percorre com ele as ruas da cidade, acompanha-o nos seus longos silêncios. É o que se chama reflexão e dedução do pensamento. Certamente que eles geram o prazer das coisas abstractas, mas nem por isso são menos interessantes nem generosas na atitude com que se dão ao semelhante. E certamente também que essas imagens do mundo interior umas vezes são companheiras alegres outras tristes...

Já repararam que, ultimamente, o homem se tem voltado extraordinariamente para esses mundos interiores que transporta como bagagem sobressalente e, talvez, compensadora das decepções reais?

Pois, então, se não repararam — é que, na rua, por exemplo, vão tão preocupados como os outros com o seu mundo interior. Isto é: são fracos observadores, porque vão entretidos com o diálogo que mantêm com essas estranhas pessoas que os dominam em pensamento. Quere dizer: os senhores devem ser dos tais que se encontram a toda a hora pelas ruas, monologando — perdão, dialogando com personagens invisíveis...

Nunca tinham reparado? E, entretanto, como é hoje vulgar encontrar gente a falar sózinha na rua, a rir beatificamente, a exprimir ódio e vingança em atitude feroz!

Será que o homem — e a mulher, está claro — caminha para a loucura colectiva?

As perspectivas da vida presente não são, de facto, muito animadoras. São mesmo de enlouquecer, com todo o seu cortejo de dificuldades, anseios insatisfeitos e ilusões engarrafadas para melhor altura de materialização. E a rua, esse imenso espelho em que a vida se reflecte, desde a miséria do calote do lixo à caixinha de prouge do tocaador — a rua, sim, é uma magnífica, uma magnánima plataforma de observação!

Ainda agora, por exemplo, passou um sujeito de gabardine azul a rir, a rir de olhos e dentes. Ia materialmente sózinha. Mas, mais atrás, seguia um outro sujeito coxo que fazia contos pelos dedos, carregava o sobrecoxo e discutia, naturalmente, com algum invisível forecedor de azelle ou de carvão...

É estranho como os senhores nunca deram conta da triste figura que certa gente faz a discutir, a falar pela rua, com as pessoas do seu mundo interior! Nunca viram. E, no entanto, formam uma multidão que assobia, canta baixinho, que esbarra com as pessoas nos passeios, atravessa ruas, se deixa atropelar...

— Parece impossível! Apre, que é distraída!

\*\*\*

Peço desculpa. Ia agora mesmo a caminhar, ali no Chiado, pensando numa crónica que hei-de escrever com o título de «Mundos interiores», quando atropelou um cego...

Sempre há cegos muito distraídos!

MANUELA DE AZEVEDO

## FALA-SE ESTA SEMANA

DR. TELO DE MASCARENHAS



É de origem indiana este nosso compatriota, autor de «Rebindraneth Tagore e a sua mensagem espiritual». O seu trabalho reveste-se, portanto, de particular autoridade, quer encarnando a função literária de Tagore, quer analisando a sua função social que é de tão funda repercussão no grande mundo indiano. Ao trabalho do Dr. Telo de Mascarenhas, nos referiremos em breve.

DR. SOUSA SOARES



«Manuel Pedro», é o título do romance que o Dr. Sousa Soares escreve, precedido de longas considerações sobre problemas de étnica luso-brasileira, porque a acção do romance, baseando-se em factos reais, segundo o autor, decorre em Portugal e Brasil. No apêndice, vêm algumas canções recolhidas pelo prof. Armando Leça em Baía — pelo que a obra se reveste de certa variedade dispersiva. Há no romance, todavia, uma simplicidade descritiva que constitui a mais simpática das suas características.

## INTERESSE DE CLASSE

**A**INDA há pouco se falou aqui da necessidade de cuidar de casas para a classe média e já hoje se volta ao assunto — não, evidentemente em referência ao problema da habitação, aliás já posto em devidos termos pelo próprio Estado, mas para se olhar a outros problemas da mesma classe média. Evidentemente, não se defende nem ataca o nivelamento de classes — mas é preciso reconhecer que existe um nível de tipos que, não representando uma «élite» intelectual, manteve, sempre, todavia, prerrogativas e necessidades de ambiente cultural a que não seria justo deixar de dar atenção. A cultura de um povo deve, de facto, acompanhar os progressos materiais — porque, na verdade, de que vale um bom casaco de peles a uma rapariga que não compreendeu que lhe vão mal as unhas debruadas de luto, ou que pode valorizar a gravata de seda ao operário, se ele não sabe que os calos e o encardido das mãos não é «honra» — mas desleixo?

De que vale, do mesmo modo, ter rádio em casa e permanente na cabeça — se o nível de cultura do povo ficou na soletragem das palavras? O bem-estar do espírito não deve ser privilégio das classes média e rica. Pelo contrário — o nivelamento de classes deveria começar por aí. Assim se evitariam incompreensões. O que parece ousadia e repúdio, passaria a entendimento. O nível da cultura suburbana, assim, como o nível da vida material e esses meios de cultura interessariam a todos. Com isto — lucraria a nação e o indivíduo. Evitar-se-ia que os instrumentos de progresso passassem a interessar — como está a acontecer — somente às classes populares, hoje com vida mais desafogada do que a classe média. O teatro, o cinema, o livro, as artes plásticas, o impresso atingiriam o nível que a sociedade reclama da sua função, em lugar de serem, como também está a suceder, um abaixamento de progresso, um ir ao encontro das classes menos cultas, satisfazendo-lhes o gosto pelo menos que fútil, banal e grosseiro, tanta vez. E se as emprêssas fôsses capazes de compreender que «classe média também é gente» — passariam a pensar menos no lucro que lhes dá o popularuncho, para olhar às exigências intelectuais dos que sempre mantiveram lugar na casa.

Seria, assim, possível assistir a espectáculos de categoria por pouco dinheiro — sem ir para a geral.

Já repararam as emprêssas que nas casas de espectáculos só há lugares para ricos e pobres?

Entretanto, os remediados bem mereciam as atenções do patrão...

MANUEL MARTINHO

## QUEM QUERE VIOLETAS?

**R**OMANTICAS e belas foram as violetas que eternizaram, poeticamente, os sonhadores de amor. Desde a Gautier, cujo coração deixou de bater quando a última pétala de violeta murcha lhe pendeu do regaço, a singela flor de luto e doçura tem encimado a primeira estrofe de amor...

Entre nós, na época ainda não distante das paixões frustradas, vinha o galego, vagaroso e honrado, corda ao ombro, bater à porta da «bem-amada» com um raminho, «esperando resposta daquele bilhetinho» que logo alvejava no arroxado das flores. Entrava o Outono, dolente e pálido, as árvores despiam-se, a natureza inteira gemia no desespero dos ventos — e a violeta chegava à cidade. Na penumbra duma urbe, que esfria sem sol, as violetas eram as primeiras lágrimas de saúde. Saúde de estio forte, criador, bendito, que aquece as almas — e veste os pobres — inunda os lares e alegra as crianças. Saúde das clareiras, dos largos horizontes banhados de luz por onde os nossos olhos correm, galgando anseios de vida melhor. O Outono entra, assim, com uma toada de nostalgia.

No entanto, que maravilha de entardecer quando uma luz dulcíssima corre do céu e, pelo Chiado, as vendedeiras, com açafates recheados, oferecem violetas!

E como são felizes, depois da venda, se houve sorte no negócio e o pobre cestinho de vêrga pode guardar o pão da sua ceia.

— Violetas! Quem quere violetas? A turba passa. E quem olha para as violetas?

Se elas são ali o símbolo do sofrimento, se no próprio arroxado das pétalas há renúncia, penitência, dor, sacrifício — igual, irmão gémeo daquelas mãos humildes, sem história, que as arrancaram dos canteiros para que elas brilhassem no colo das mulheres elegantes.

Tudo na vida corre o seu destino. Ninguém foge a este inexorável dictame, que é imutável porque é divino.

E, assim, as violetas, que trazem ainda o orvalho das noites frias — vão aquecer, pobre mas honradamente, o lar daqueles que, vendendo a toda a hora a beleza, só conhecem da vida o desconforto...



## A ENTREVISTA DA ACTUALIDADE



**Quem tiver mil contos, pode fazer um filme! — censura**

### LEITÃO DE BARROS

**L**EITÃO de Barros é verdadeiramente, um prodígio, na multiplicidade do seu talento e actividade.

Artista, professor, homem de cinema e jornalista éle, que não tem um minuto livre, sobra-lhe tempo para tudo. Anda sempre numa roda viva, entre projectos e realizações, dando all um conselho, acóia um advlre, agitando à sua volta o melo, quási sempre rotineiro. Ao cinema deu o melhor do seu impulso, com entusiasmo e ardor dum persistente lutador. Hoje, que uma atmosfera cinematográfica começa, de facto, a pairar no nosso país, têm grande interéssê as suas palavras. Mas éle não quis falar do seu próximo filme, porque ainda nada tem assente, que possa revelar em público. Falou-se no Fernão de Magalhães, depois do livro de Aquilino «Volfrâmio» — e, presentemente, de «Os Velhos», de D. João da Câmara. Leião de Barros sorriu perante as perguntas que lhe apresentámos — mas o momento não era para confissões.

É a primeira pergunta surgiu com resposta:

— Diga-nos alguma coisa sobre o panorama actual do cinema português...  
— Em primeiro lugar seria preciso definir o que se entende por cinema português... É o cinema realizado por portugueses? Ou é o cinema feito em Portugal? É o cinema financiado por portugueses? É o cinema onde intervêm um ou dois artistas portugueses? Ou é ainda o cinema feito sobre uma obra portuguesa?

— Interprete a pergunta como quiser...

— Se cinema português é o cinema feito por portugueses, em Portugal, com dinheiro português, e tendo por téma um assunto português, dir-lhe-ei que esse panorama é, de facto, espantoso. É — e foi-o sempre. Simplesmente, dantes, causava-me espanto pela porção de heroidade, de optimismo, de fé, de consciéncia, de entusiasmo que revelava nas suas tentativas. Hoje causa-me espanto por outros motivos. Há 13 anos quando se fez o primeiro filme sonoro entre nós *A Severa*, os realizadores chegaram ao «plateau» depois duma cautelosa, prudente, insistente preparação. Era primeiro o pequeno documentário, os longos artigos críticos que definiam as personalidades, a assistência técnica, as viagens aos estúdios estrangeiros, a bibliografia cara, a visão continua do espectáculo cinematográfico, a discussão permanente em círculos técnicos de amadores e de artistas, enfim, toda essa aprendizagem que supúnhamos essencial para trabalhar e que os capitalistas também supunham indispensável para nos confiarem o seu dinheiro. Hoje tudo mudou. Qualquer pessoa encontra mil contos dispostos ao mais espectacular dos suicídios — o cinema. E está provado que esta indústria entre nós não precisa de fazer contas nem tem uma economia própria, e que os seus técnicos não necessitam de nenhuma prova dada antes de lhes ser entregue o comando. Como vê é espantoso.

Leião de Barros fala com impetuosidade e de uma só vez. Dificilmente podemos perguntar:

— E planos de trabalhos futuros?

— Sim, tenho planos, e espero que dentro de muito pouco tempo sejam realidades. Mas é-me impossível dizer-lhe, neste momento, que vou trabalhar no filme tal, com os artistas tal e tal. Há dois anos que construo, pacientemente, o meu futuro trabalho. Neste tempo alguns outros projectos cruzaram o meu espirito, embora acenhasse sempre a esperança de vir a dirigir uma obra de projecção internacional — melhor dizendo lbero-americana, contando com os grandes países que são o Brasil e a Argentina. Posso considerar dominadas as principais dificuldades. Mas não estou autorizado a tornar pública a minha iniciativa, nem a revelar o nome dos eminentes colaboradores, quer nacionais quer estrangeiros que intervêm neste trabalho. O que me parece essencial é que lhe revele que desde a estreia do *Aia-Ariba* em Itália e em Madrid me foi mais fácil erguer o meu projecto, e que, nestes dois anos em que não fiz nada de cinema, trabalhei pelo cinema mais do que em nenhuns outros dois da minha vida.

Leião de Barros correu ao telefone. Não tinha tempo a perder — todos os minutos lhe são preciosos como o ouro. Ficamos aguardando que o triunfador da «Bienal de Venes» consiga um novo êxito, com o seu próximo filme.

## NOTAS RÁPIDAS



Vila Viçosa assistiu a um espectáculo imponente — o da inauguração do monumento a D. João IV, na presença dos srs. Presidente da República e do Conselho. O discurso do sr. dr. Júlio Dantas, orador oficial, foi uma reabilitação da pessoa real da restauração geralmente acusada de indecisão e fraqueza.



Foi uma festa excelente, cheia de mocidade e alegria, a que se realizou no salão de festas de «O Século», para entrega de prémios aos vencedores do Concurso «Procura-se um novelista», organizado pelo nosso prezado colega «Século Ilustrado». Na foto, vêem-se alguns dos premiados, depois da distribuição dos prémios e menções honrosas.

## Leonel Cardoso — Um artista plástico

**A** caricatura é tão antiga como a própria humanidade — a costela que simboliza o homem não é uma caricatura bíblica? — e, por isso, é histórica e eterna como os povos. Por isso, Leonel Cardoso — que nos perde o artista — não é só caricaturista: é também historiador. É historiador no melhor sentido da palavra — porque escreve em barro a história do nosso tempo, incarnada em figuras que os factos trouzeram para primeiro plano. Assim nos surgem Carmona, Churchill, Roosevelt, Salazar, Hitler, todos aqueles que, numa grande parade de valores, simbolizam a guerra, a paz, a inquietação dos povos modernos.

Depois de ter tentado com êxito a caricatura em latão cromado e o desenho de graça inextinguível, o Dr. Leonel Cardoso enveredou — iamós a dizer definitivamente mas nós sabemos que para o artista nada há de definitivo... — pela caricatura em fãlça, uma arte que é nova, no seu género, entre nós. A caricatura de costumes — e esta não se filia na arte de Rafael Bordalo Pinheiro — não têm hoje segredos para o humorista risonho. E o friso de reproduções que aqui damos — fazem com mais abertça do que nós, Leonel Cardoso, em Fevereiro ou Março do próximo ano vai apresentar uma galeria célebre de aquarelas e fãlças que certamente confirmarão o prestígio de que o autor hoje goza.



# CINEMA

## O MERIDIANO DO PARQUE MAYER

**S**EMPRE que se anuncia um filme revestido das chamadas características populares, os espíritos exigentes não escondem a sua decepção e comentam em vários tons, aquilo que consideram a manifestação insuflada do nosso espectáculo cinematográfico. E lembram, com entusiasmo! Porque não fazer, de preferência, uma obra inspirada na epopeia da nossa colonização — ou dos nossos descobrimentos? Porque não vamos buscar aos oito séculos da História da nacionalidade os temas e os heróis dos nossos filmes?

Outros, mais prudentes, aventam, cheios de boa vontade: Se o cinema português não pode suportar os encargos das grandes reconstruções históricas — que razões impedem os cineastas lusitanos de abordar os temas que estão para além dos motivos regionalistas, das farsas ou das comédias «Parque Mayer»?

Tão louváveis anseios vivem igualmente no espírito de quantos se interessam pela cinematografia portuguesa. Simplesmente, há outros factores a atender — e que vão desde a impossibilidade de conciliar determinados assuntos com a economia da indústria, até à necessidade, por motivo das leis actuais dessa economia, de interessar, na mesma obra, as mais diversas camadas de público, sabido que o sacrifício de parte d'ele comprometteria o equilíbrio indispensável entre o custo e o rendimento de cada produção.

— O êxito dum filme português — dizia-me, há dias, um realizador muito conhecido — será sempre fallível se a obra não levar ao cinema de estrelas a senhora condessa e o guarda-freio da Carris, o médico e a gaitheira da Praça da Figueira...

Com tão pitoresca definição, o cineasta queria dizer que todos não somos demais para assegurar ao espectáculo do cinema português a receita de que necessita. Dai, concessões e transigências necessariamente perigosas — mas indispensáveis. Pelo menos na fase actual da indústria — em que o carácter de continuidade foi substituído por uma actividade fracção-nária que faz de cada filme um «negócio» isolado, que não suporta insucessos. Lá fora, onde as firmas produtoras estudam e executam um programa anual com várias películas, umas melhores e outras piores, umas mais caras e outras mais baratas — o balanço da actividade é feito em conjunto. E se a película n.º 2 rendeu menos do que se esperava, a n.º 3 excedeu as previsões — e a indústria, no fim do ano, apresentou o saldo positivo necessário para o seu progresso.

Com o cinema lusitano não sucede assim. Cada filme tem que se bastar a si próprio, no capítulo de amortização. E, para tanto, não é suficiente que só a nobreza ou o povo o consagrem. Mas que o povo e a nobreza se interessem por êle — e acorram a vê-lo.

Em matéria de espectáculos, o caluniado e depreciado Parque Mayer soube encontrar, com frequência, o equilíbrio ideal, capaz de contentar gregos e troianos. O cinema, ao buscar esse equilíbrio, aproveitou-se, por vezes, perigosamente, das fórmulas ali consagradas. Não soube resistir à tentação de irilhar o caminho mais fácil, esquecido de que, em regra, não é esse o que leva ao êxito...

Esta confusão traduziu-se já em alguns insucessos do cinema nacional. Esperamos que as lições dos factos existam as reincidências. Para fazer cinema popular — não basta acertar as agulhas pelo Meridiano do Parque Mayer...

E se é legítimo o anseio dos que querem que o espectáculo possa interessar todos os sectores do público — êle só deve impor-se à nossa consideração quando abdicar de transigências inferiores e souber elevar o nível da cinematografia nacional na mesma medida em que atrair os espectadores.

E quando tal suceder — dar-nos-emos por satisfeitos. Guardaremos para os nossos melhores sonhos, os sonhos de grandeza dos que querem que o nosso cinema, tão tarde em desenvolver-se, possa competir, dum golpe, com as obras famosas «made in Hollywood».

FERNANDO FRAGOSO



## JENNY JUGO

Lembram-se de «Uma noite com o Imperador»? Lembram-se de uma rapariga azougada que enchia o filme de graça e de alegria? Pois aqui a têm, num dos mais lindos sorrisos da tela. Chama-se Jenny Jugo e é uma das mais apreciadas vedetas do cinema europeu.

Dentio de meses, a Ufa vai dar-nos um grande filme com esta graciosa rapariga que os cinéfilos portugueses tanto gostam de ver apresentar.

## “As minhas ambições não se conciliam com o casamento!”

declarou Leonor Maia à sua partida para Espanha.



**E**STAÇÃO do Rossio. O «Lusitania-Expresso» vai partir. A janela do «wagon-lits», sobrando um ramo de cravos rubros, está Leonor Maia, a «Tatão» do «Pai Tirano». Vive a hora mais brilhante da sua carreira de vedeta de cinema. Vai para Barcelona interpretar o principal papel feminino da versão portuguesa de «Madalena, zero em comportamento». Na «gare», a despedir-se, vemos o Oscar de Lemos e o Virgílio Teixeira. Quando o leitor folhear êste número da nossa revista, já êles devem encontrar-se em Espanha, para assumir os principais papéis masculinos do mesmo filme.

«Tatão» está radiante. As irmãs e as amigas abraçam-na. Mas a alegria é tão intensa em todos os rostos que as efusões mais parecem de parabéns do que de despedida...

E, na realidade, há razões para tamanho regosijo. Durante muito tempo não se sabia, ao certo, se a Leonor Maia, o Oscar e o Virgílio Teixeira partiam ou não... Mas, afinal, tudo acabou em bem — e êles lá vão...

Leonor Maia, solicitada pela «Vida Mundial Ilustrada», fez algumas declarações, já com o pé no estribo:

— Estou radiante! Mentir-lhes-ia se não dissesse que não caibo em mim de contente. Faço amanhã os meus 23 anos — 8 de Dezembro, tomem nota cinéfilos! — e ainda há poucas semanas não sonhava que os

ia festejar em Espanha! Parto cheia de confiança e espero não desiludir aqueles que confiam em mim!

«Tatão» diz-nos que o filme, feito originalmente em Itália, será dirigido pelo cineasta polaco sr. Toppel — e que terá possivelmente a supervisão de Abel Gance, actualmente em Espanha.

Há quem pergunte a Leonor Maia quando regressa. A artista sorri:

— Daqui a um mês, se outros projectos se não realizarem...

Pela nossa parte suplicamos-lhe:

— Mas pela sua rica saúde, «Tatão», não nos apareça, à chegada, pelo braço dum possível noivo... De

(Continua na pág. 23)

## “A Diana Durbin do cinema italiano” esteve no Estoril e partiu a semana passada para a Espanha

**L**OIRA, de olhos azues — Iracema Dialini interpretou nada menos do que oito filmes nos estúdios de Roma. Muito jovem, dotada de lindíssima voz, depressa grangeou extrema popularidade. E porque na realidade lembrava a artista de Hollywood, passaram a designá-la por «Diana Durbin do cinema italiano».

Quando as coisas da guerra se complicaram, a vedeta desapareceu da Cidade Eterna. Afirmou-se, em letra de fôrma, nas publicações estrangeiras, que Iracema havia seguido para a América, no «Clipper», e que esse facto não era estranho a um romance de amor...

«Primer Plano», num dos seus últimos números, faz luz sobre o assunto, reportando-se à informação da revista «Film». Iracema estaria em Lisboa e teria abandonado os «plateaux» da Cine-Città simplesmente por êste facto: era polaca.

Mal sabia o hebdomadário espanhol que, poucas semanas depois da notícia, Iracema Dialini haveria de partir para Espanha a fim de interpretar a versão espanhola de «Madalena, zero em comportamento», papel que criara, na versão original, em Itália.

E Oscar de Lemos, cuja popularidade no país vizinho é enorme, após o seu êxito na «Aldeia da Roupa Branca», contracenará com Iracema, visto ser o intérprete das duas versões: portuguesa e espanhola.

## Vão realizar-se em Lisboa espectáculos de “Cinema Clássico”

**H**Á muitos anos, o São Luiz organizou, com invulgar êxito, as chamadas «Matinées de Cinema Clássico». E assim deu-nos, entre outras películas, «A Lenda de Gosto Berling», de Garbo, realizada por Maurice Stiller; «Metropolis», de Fritz Lang; «Variedades», de Dupont, com Jannings e Lia de Putti, etc.

Segundo nos informam, vão realizar-se agora, no Central Cinema, em colaboração com o Secretariado da Propaganda Nacional, das 18,30 às 20 horas, espectáculos de cinema clássico, cujos programas serão elaborados por João Mendes.

Além dos mais célebres filmes estrangeiros, existentes nos arquivos das firmas distribuidoras, conta-se, desde já, com elevado contingente de filmes mudos portugueses. Oceloso se torna encarecer o interesse de que êstes espectáculos se revestirão — e fazemos votos porque possam ser levados a bom termo.



Falando com  
João Pedro de Andrade

# TEATRO

## “O MELHOR DRAMATURGO PORTUGUÊS... AINDA NÃO FOI REPRESENTADO!”

O NOVO ÊXITO DE PARIS

**A**ldia desta palestra com João Pedro de Andrade surgiu numa entrevista que Casals Monteiro nos concedeu, há bem pouco tempo. Disse-nos ele então que, em seu entender, João Pedro de Andrade era o dramaturgo português com maiores possibilidades de abrir caminhos novos e sérios ao Teatro Nacional.

Impunha-se, portanto, esta conversa de agora. E ela não foi difícil de conseguir. Amavelmente, João Pedro de Andrade aceitou ao nosso convite.

As suas primeiras palavras revelam-se de justa censura aos empresários portugueses.

Das peças que escreveu inicialmente, «O Lobo e o Homem» foi entregue a Alves da Cunha. O tempo correu, correu e Alves da Cunha não se pronunciou, não disse uma palavra sequer.

Um dia, João Pedro de Andrade perdeu a paciência diante de tanta falta de consideração e mandou pedir a peça.

Depois, mais tarde, depois nas mãos de Robles Monteiro o drama em quatro actos «Ave Branca». Sucedeu precisamente a mesma coisa. Nem uma apreciação, nem uma palavra. Foi necessário que ele insistisse, para conseguir a devolução da sua peça.

Contudo, já nesse tempo João Pedro de Andrade era elogiado publicamente no «Notícias» por António Ferro e particularmente por muitos outros, como Alexandre de Azevedo, Ilda Stichini, Dr. Pedro de Carvalho e mais alguns.

Surge então um famoso concurso de peças teatrais organizado pelo jornal «Repúblicas».

É o próprio João Pedro de Andrade que nos confessa sinceramente:

— Pus nesse concurso as minhas maiores esperanças! Confiel no júri formado por Araújo Pereira, Artur Inês e Vitoriano Braga. E confiel, também, nos meus trabalhos.

Sim, nos seus trabalhos—porque ele concorreu com sete peças, e entre elas ia a primeira versão de «Transvoados», depois ampliada e recentemente publicada, em volume, com «Uma só vez na vida».

Pois muito bem, o júri não concedeu prémio algum a João Pedro de Andrade.

— Nunca percebi porquê... A primeira peça, «Mulheres», de Alice Ogando, era muito fraca. Em segundo lugar classificaram-se António Vitorino, Cristiano Lima e Jorge Telxreira. Das quatro peças, apenas a de Cristiano Lima foi posta em cena...

— E as suas sete peças? — Ficaram divididas em dois lotes, com as dos outros concorrentes. Sabe o que nos aconselhavam? «Que nos dirigissemos a dramaturgos de pulso, como Júlio Dantas e Acácio de Paiva, para aprendermos»...

João Pedro de Andrade suspira. E a sua voz torna-se melancólica.

— Depois disso, resolvi escrever apenas... para a gaveta. Todavia, sin-

da fiz mais uma tentativa: permiti que entregassem a Robles Monteiro a peça «Glória de César», cuja acção se passa nos meios literários e artísticos. Tive, porém, cuidado. Enviei uma cópia e fiquei com o original.

— O mesmo silêncio de sempre? — Não, desta vez houve resposta... Indirecta. A peça estava bem feita, bem desenvolvida... mas não era comercial... Não posso estar de acordo com essa opinião. A tese que apresento deve interessar o público, sem dúvida alguma.

— Então nunca foi representado? Um meio sorriso, talvez indecifrável:

— Em palcos profissionais, não... Mes Mestre Araújo Pereira ensaiou, para os seus alunos, duas das minhas peças, uma das quais—«Cegos»—cheguei a ser apresentada na Emissora. E desejava mesmo fazer representar todas as minhas obras...

A conversa deriva para os problemas do teatro actual. João Pedro de Andrade, crítico literário e teatral da «Seara Nova» fala dos nossos espectáculos.

— São bem probrezinhos... Não passam de entretenimentos para provincianos.

— E como o salvar?

— Abram-se concursos para autores novos, garanta-se a representação das peças boas. Os empresários devem ajudar... e não remeter-se ao silêncio, como de costume. Apesar de tudo, com os artistas que possuem poder-se-iam organizar três boas companhias: uma para o Nacional, de teatro sério, outra de comédia, sem descambar para a farsa burlesca e disparatada e outra de teatro de vanguarda.

— Mas qual deve ser a função do teatro de hoje?

— Instruir, elevar e deleitar—simultaneamente. Deve acompanhar os problemas do nosso tempo, fundidos na técnica teatral.

— Exprimimos também a nossa opinião: — Exame das preocupações sociais...

— Precisamente!

— Quais os autores portugueses em que acredita?

— O Carlos Selvagem do «Herdeiros» e Alfredo Cortês têm responsabilidades... Dos outros, pouco sei...

— Tenho vivido longe de Lisboa, escondido na provincia.

— E quanto a crítica teatral?

— Há muito pouca. Mas surgiram já vocações decididas. Destaco Seariti... Depois Casals Monteiro, Lopes Graça e até Assis Esperança, na sua época do «Diabo»—criaram, também, responsabilidades a defender. Para mim, os críticos, sem se adaptarem de todo ao que se faz, devem orientar a sua crítica relativamente ao melo, para o melhorarem.

A entrevista está no final. Só mais uma pergunta:

— Das suas peças, quais as que poderiam merecer maior interesse do público?

— Pela técnica e pelo assunto, «Os Transvoados» e a «Glória dos César».

O crítico severo e justiciero, o autor sincero e desassombrado, despede-se. E nós, para terminar, fazemos nosos as palavras que Casals Monteiro nos disse a respeito de João Pedro de Andrade: «O melhor dramaturgo português... ainda não foi representado».

G. M.

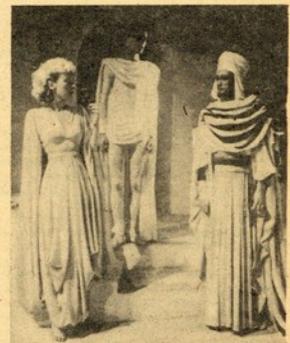
## ACTORES NOVOS PRECISAM-SE!

**H**á dez, quinze anos que todos os espectadores de teatro conhecem os nossos actores. São ainda hoje os mesmos. Alves da Cunha, Amélia, Samuel Diniz, Luellia, António Silva, Amarante e outros, continuam a ser hoje, como ontem, os artistas-cartazes de todos os teatros de Lisboa. Pondo de parte Villaret e Lalande, esses grandes artistas que apareceram há anos, quem são os novos? Procura-se e não se encontra. A arte de Zacconi não desperta interesse junto da gente nova?... O Conservatório não consegue elementos de valor?... A falta de gente nova no nosso teatro de declamação parece confirmar essas perguntas. Ou, ainda, o acesso ao teatro tornou-se tão difícil que a tentação é posta à margem e os anseios de alguns morrem antes de se afirmarem? Todas estas perguntas parecem ter de ficar de pé, se olhamos os cartazes de Lisboa.

Triste época a nossa, em que os artistas de tempera não aparecem. Onde estão esses artistas?... Quem sabe: talvez o cinema ou a rádio os tenha acaparado. Sabe-se lá. E já que a ideia nos ocorre, por que razão não a exportar?... Por que não se tenta fazer uma companhia de gente nova? Não haverá um empresário que meta ombros à tarefa? Uma espécie de teatro lírico — o teatro de vanguarda, de que se chegou a falar há pouco...

Quem sabe se aproveitando esses novos que se têm evidenciado no cinema e na rádio não se descobriria um valor real do teatro declamado. Nomes?... António Vilar não poderia ser um galá de teatro?... e Carmen Dolores? e Leonor Matos? e Curado Ribeiro? e Oscar de Lenos? e outros. Por que não?... Talvez seja uma ideia a tentar. Os actores de teatro não ingressaram no cinema? O contrário seria impossível?... Não acreditamos. E talvez apoiando esses novos, outros viessem. E sempre assim.

**A**PESAR de tudo—das nuvens que cobrem os céus, das ameaças que flutuam nos horizontes — Paris continua a ser uma cidade onde a arte impera. Um novo êxito atrai as multidões, fazendo-as esquecer os momentos trágicos dos dias de hoje. Lise Delamarre, Edwige Feuillère e Lucien Nat são os principais intérpretes da peça «Sodoma e Gomorrhe», um grandioso espectáculo de que damos quatro sugestivas passagens. Hoje, como ontem — e como amanhã, possivelmente — Paris é a capital dos êxitos!



## DEAN MURPHY, UM GRANDE IMITADOR!



Aqui têm um imitador que, com dois ou três acessórios, consegue maravilhas. Não são imitações perfeitas de aparência física — mas de espirito. Senão vejam: um monocóculo e Jorge Allin está perfeito. Um chapéu e a boca aberta, e temos Joe E. Brown. O mesmo chapéu, umas lunetas, uma atitude e Roosevelt surge-nos. Mais um lenço e temos Madame Roosevelt sem tirar nem pôr... espiritualmente...



## "Aspectos do romance brasileiro"

de José Osório de Oliveira

ESTE gosto de numerosos escritores portugueses por toda a literatura moderna do Brasil é o que se pode chamar uma paixão mal-correspondida. Excepcionalmente Eça de Queiroz que, por motivos de longa descriminação, tem exercido na prosa romanesca daquêle país uma influência profunda e merecido da sua crítica copiosas e constantes atenções, pouco se sabe e nada se estuda ali da recente evolução literária portuguesa.

Além disso, sente-se pouca firmeza nessa devoção apaixonada — talvez, justamente, por se apresentar como paixão nem sempre lúcida. Muitas vezes chega a parecer, nos escritores portugueses que a afirmam e repetem com certo exagero espectacular, esforço sinuoso para conquistar um lugar ao sol no pequeno mundo das letras portuguesas. A «brasileirofilia» chega a parecer, para alguns, uma forma de profissão literária.

Em José Osório de Oliveira não faltam razões positivas para este amor persistente — e a expô-las consagrou boa parte desta conferência sobre o romance brasileiro, agora publicado em «plaquette» elegante. Mas não lhe falta, também, um pouco de teatralidade — o bater das mãos no peito em face do altar das letras, a proclamação constante de um afecto que se revelaria muito melhor em obras e só nelas, a confissão íntima em que se quer mostrar um coração palpitante.

Pela sã regra das compensações que preside a tanta coisa da vida, este culto ligeiramente farrisco, não deixa de ter a sua utilidade. A José Osório de Oliveira se deve, não há dúvida, a vulgarização persistente de nomes, obras e caracteres da literatura brasileira que o português enclausurado — e com muito pouca «claustrofobia», ao contrário do que afirma Gilberto Freire — persistiria em ignorar.

Simplemente, essa afeição excessiva e talvez excessivamente forçada compromete a solidez e a exactidão crítica dos juízos apresentados em público. Defeito tradicional, aliás, nas paixões muito proclamadas...

Por ela cáli Osório de Oliveira, quasi constantemente, na super-valorização de autênticos valores da literatura brasileira o que vem a redundar, como é natural, em prejuizo certo na apreciação dos seus leitores. Generaliza em excesso as suas próprias concepções particulares, dando a impressão de que as pretende impôr a um outro crítico mais imparcial e sério que no seu espírito desponha algumas vezes por trás do apaixonado. E sujeita assim o seu critério dos valores literários a esquematismo con-

vençional, rangendo desagradavelmente sobre a feição verdadeira dos temas e figuras que a sua prosa, notavelmente límpida e elegante, exprime com brilhante estilo.

Nesta conferência que poderia muito bem ser um lúcido ensaio crítico ao mesmo tempo que um panorama do romance brasileiro contemporâneo, Osório de Oliveira cáli em frequentíssimas contradicções e juízos confusos, apresentados na mais clara forma de escritor apurado. Não chega a decidir se é o predomínio da realidade ou o impulso lírico que avulta no romance brasileiro; se o valor evidente que êle reveste nas experiências literárias do nosso tempo provém da sua completa e rica estrutura romanesca, com o indispensável predomínio do conteúdo psicológico, ou do carácter de crónica romanesca de acontecimentos actuals que apresenta na maioria dos seus casos. Exagerar, por se cálião a um formulário dogmático, a influência do meio geográfico na índole dos romancistas

é ponto de afirmar que certo escritor muito dado ao fantástico e alucinatório nas suas criações esó mesmo de Minas-Gerais podia vir. Encara com justiça a influência do cinema no romance contemporâneo, mas não descrimina como cumpria as formas especiais em que ela se manifesta, invalidando assim uma generalização já de si discutível; e acaba por confundir numa mistura desconcertante influências literárias como a de Michael Gold, dos romancistas brasileiros anteriores às gerações actuals, desde Machado de Assis, do romance francês que arbitrariamente define pelo carácter da visão a distância, e outras mais em que se transveria a melhor das estruturas críticas.

Tudo isso porque Osório de Oliveira tem como ponto de partida das suas apreciações um estado de alma em que nem tudo é sincero — essa visão dourada e falsa do Brasil como um mito exaltado por um individualismo de literato «snobs» que o leva a ignorar os autênticos e poderosos mitos colectivos da nossa época. Com as suas reais qualidades de escritor bem dotado, embora reclinado num perspectivismo literário que desarticula o sentido humano do seu pensamento, Osório de Oliveira poderia desempenhar na divulgação da literatura brasileira contemporânea muito melhor papel. Mas os apaixonados condenam-se previamente a serem fiéis a tudo o que se quiser, menos a êles próprios...

ALVARO SALEMA

JOHN  
DOS  
PASSOS

Um português da América, romancista do nosso tempo



Apetece escrever inteiramente em português, apenas João dos Passos, o nome dêste escritor mundialmente conhecido, descendente de emigrantes dos Açores, norte-americano mas, acima de tudo, cidadão do mundo que conhece e descreve. Neto de um sapateiro aventureiro, todo o tempo em que não viaja ou investiga as mais profundas realidades sociais, passa-o isolado na sua vivenda do Cabo Cod, debruçada no Atlântico. Espadado, tímido, pouco elegante, tem a saúde de ferro de um homem do mar. De manhã escreve; as tardes consome-as a nadar ou velejando no seu barco com pescadores da costa de Massachusetts. Se John dos Passos é um homem do nosso tempo, é ainda muito mais do futuro que o apaixonado e para que vive, com a sua clara visão de romancista e a sua recta natureza de homem.

## O CEPTICISMO DE M.<sup>me</sup> DU DEFFAUT

A MIGA de Voltaire, protectora de poetas, amorosa que viveu na sua paixão por Walpole, um dos maiores dramas da sensibilidade humana, M.<sup>me</sup> Du Deffaut presidiu, com prestígio, a um dos mais célebres salões literários da França no século XVIII.

Contava-se uma vez diante dela a lenda de um santo dos primeiros séculos do cristianismo que foi degolado por pagãos, e tomando do chão a cabeça sangrenta, caminhou com ela nas mãos por algum tempo. «E assim — contava o narrador — deu muitos e muitos passos para confundir dos seus perseguidores...»

— «Cest seulement le premier pas qui coûte...» — redarguiu M.<sup>me</sup> Du Deffaut com discreta ironia.

## FAÇA DE PAPEL

— «Alguns poemas» é o título de um pequeno volume de versos do poeta Sèrvio Vojislav Ilich, traduzido da versão francesa por Alberto Cardoso dos Santos. É uma pequena colectânea de versos, originais pela forma, pela idéia e pela expressão patriótica do autor, cabendo ainda ao sentido de equivalência do tradutor, uma boa parte do interesse desta obra.

— Samuel Maia, médico e escritor, publicou «Quem não viu» — um livro de prosa vigorosa que é uma magnífica evocação da outra guerra.

— Depois da «Psicologia da amizade», o Dr. Mário Gonçalves Viana deu-nos «Arte de Estudars, uma proveitosa lição para os que trabalham em assuntos de interesse intelectual.

— O segundo volume da colecção policial da Vida Mundial Editora, já no prelo, será um romance de mistério e acções intitulado «A porta secreta».

## 10 MINUTOS COM HERNANI CIDADE



COMO raros professores universitários, o dr. Hernani Cidade tem aliado à função absorvente do magistério a actividade de intelectual de interesse público. Estudioso pertinaz, intelligência clara e esclarecedora, crítico honestissimo e sinceramente aberto às mais audaciosas formas de expressão, a sua obra não tem, sem dúvida, o cunho sèco e estéril de quasi tôda a nossa cultura universitária. Para essa obra vive e trabalha acima de tudo, sacrificando-lhe, talvez, algumas das suas mais nobres e irrealizadas aspirações.

A atenção que tem consagrado às formas novas da literatura de ficção justificou a primeira pergunta que lhe apresentamos para esta brevissima entrevista:

— Que pensa das actuals tendências da poesia e do romance?

— Penso que... me apanhou descalço. Mas não me acuse de indiferente! Não é culpa minha que o dia tenha apenas a miséria de 24 horas — nem está na minha mão que ainda não pertençam à história aqueles a quem invejo a mocidade florescente. Como sabe, sou professor, ou melhor — estudante — de história literária... Mas em breves semanas terei de retomar contacto com os poetas pos-

teriores ao Régio das Encruzilhadas de Deus, que é o marco a que se estende o meu livro — Tendências do Lirismo Contemporâneo. Preparo para a colecção Studium, de Arménio Amado, um volume sobre o conceito da poesia através das literaturas portuguesa e brasileira. Nêle investigarei também de criticos e poetas o conceito da contemporânea.

— Vai publicar em breve algum livro?

— É possível que, quando dê conhecimento aos seus leitores desta conversa, tenha já sido pôsto no mercado A literatura portuguesa e a expansão ultramarina (séculos XV e XVI), o primeiro de três volumes que a Agência Geral das Colónias publicará. Neste primeiro volume se expõem, documentadamente, as reacções de carácter moral, intellectual ou estético dos nossos escritores ante as fainas da expansão, as novidades da natureza e da vida humana e a acção de descobridores e conquistadores. Para se ajuizar daquela grande época, não basta julgar o que se fez, mas o que se pensou se devia ter feito. Creio que os homens de pensamento não representavam menos a Nação do que os homens de acção...



ETHEL SMITH

COM vinte e sete anos apenas, simpática e graciosa, Ethel Smith é hoje a mais popular organista da rádio. Especialista em rumbas, sambas e outras formas rítmicas — ela vai agora apresentar-se numa grande revista: «The Hit Parades».

O seu instrumento favorito é o órgão — que, em sua opinião, vale como uma orquestra completa.

Já passou por Hollywood, Havana, Rio de Janeiro, e pensa correr todo o mundo.

Agora, uma boa novidade para os «fans»: Ethel Smith é bonita e solteira...

O EXEMPLO DA MILÚ ALASTRA...

UMA DAS IRMÃS SANTOS VAI CASAR E ABANDONAR A RÁDIO!...

SE isto se torna hábito, adeus rádio, adeus cinema, adeus teatro. Casou a Milú, e a rádio e o cinema perderam um dos seus melhores elementos. Agora calha a vez à Maria Teresa, uma das duas irmãs Santos, e novamente a rádio vai ficar desfalcada. Até dá vontade de lançar este grito aflitivo, lancinante: não deixem as nossas artistas casar! Tenham compaixão do público que, por este andar, está condenado a ver filmes e peças e canções apenas interpretados por homens! Homens com calças, com barbas, com bigodes. Uma coisa horrível. A não ser que surja um novo Pina Manique e que voltemos à era dos travestis...

UM POUCO DE HISTÓRIA

Na rua da Rosa, em frente ao Cunhal das Bolas, há um prédio de azulejo. O repórter morava no Cunhal das Bolas. No prédio de azulejo moravam duas meninas: uma muito magrinha, de óculos; outra muito gorda, sem óculos. Pois essas duas meninas gostavam de cantar e de tocar piano. O repórter gostava de silêncio. E foi assim que nasceu um ódio de morte entre o repórter e aquelas duas meninas. Isto passou-se há dez anos, quando ainda não havia irmãs nem hora de variedades... Mas acontece que as duas meninas cresceram. Uma engordou um nadinho; a outra emagreceu outro nadinha. E passaram a ser as Irmãs Santos e a ter as vezes mais harmoniosas da nossa rádio. Então, o repórter foi fazer as pazes com elas...

UM NOVO QUARTETO VOCAL

Encontrou-as em robe-de-chambre, deitadas no chão, brincando com um automóvel de corda. Quando o viram, puseram-se súbitamente de pé, muito vermelhas e comprometidas.

— Estamos a brincar... — explicam — Vimos há pouco do cinema. Fomos ver «Saúde, amor e dinheiro», pela 16.ª vez.

— Como?

— Sim. Não vê que andamos a aprender uma canção do filme!

Estavam todos sentados, entre um piano, um órgão, e uma jarra com flores. O repórter magicava na maneira de saber se era verdade ou mentira aquilo que lhe corria.

— Ouvi dizer que uma de vocês ia... Mas nunca conseguia concluir. Uma das irmãs, ou a Júlia ou a Maria Te-

resa, vinha sempre com uma pergunta. Até parecia mal, elas a entrevistarem o repórter... Mesmo assim, sempre foram dizendo alguns dos seus projectos, mas nada que se relacionasse com o casamento. O repórter apenas se mostrou interessado quando, depois de pedirem muito segredo, disseram que o irmão estava ensaiando um novo quarteto vocal que seria constituído pela Julieta de Castro, pelo Curado Ribeiro e por elas duas.

— Vamos ser ouvidos na segunda-feira, por um júri da Emissora — acrescenta a Júlia — Mas temos esperança de agradar...

— E para quando é a primeira emissão?

— Na Festa da Rádio, ainda este mês.

A JÚLIA VAI SUBSTITUIR A MILÚ?

Fez-se um silêncio. O repórter voltava a remoer na razão que ali o levava.

— Sempre é verdade que a Maria Teresa...

Novamente foi interrompido, desta vez pela Júlia, que se pusera a imitar a Hermínia Silva.

— A Júlia é uma grande imitadora — disse a irmã. — Quando está bem disposta consegue imitar a Milú, o Curado Ribeiro, o Tomás Alcaide...

— Já viu «O Costa do Castelo»? — pergunta a Júlia ao repórter. — Quere vê-lo outra vez? — e, com uma perfeição extraordinária, imitando cada um dos personagens, pôe-se a repetir na íntegra todo o diálogo do filme.

O repórter gostou, mas não era bem aquilo que ele pretendia. Inquiriu de súbito:

— Não têm uma coisa sensacional, para contar?

E a Júlia, muito séria:

R Á D I O



— Vou fazer a «Menina da Rádio!» O Artur Duarte andava à procura de uma rapariga assim gorda como eu, para substituir a Milú. Assim que me viu, contratou-me logo.

E desatou a rir, muito alegre, porque o repórter parecia ter acreditado naquela verdade sensacional...

O CASAMENTO É PARA BREVE

Outro silêncio. O repórter encaminha a conversa sobre a Milú e o seu casamento.

As irmãs Santos têm resposta pronta:

— Acho que fez muito bem.

— Mas...

— Mas nada! Diz-se para aí muita coisa acerca disso, mas sem razão de ser. É preciso conhecê-los, a ela e ao marido, para se ver bem que são felizes!

— E você, Maria Teresa, quando se casa?

Ela fica muito vermelha. Diz que não responde, mas por fim, acaba por confessar:

— Nos meados do ano que vem...

— E deixa a rádio?

— Sim!

— E o que vai você fazer, Júlia?

— Não me importa. Cantarei sózinha. Aliás, a minha melhor noite foi aquela em que cantei sózinha, no Teatro da Trindade.

Batem à porta. Entram o Curado Ribeiro e a Julieta de Castro, que vêm para o ensaio. O repórter aproveita a ocasião para se escarpul sem dar nas vistas...

REPÓRTER UM

UM QUINTETO DE JAZZ



CINCO horas. Doze pessoas. E perante essas doze pessoas o quinteto Murillo fez a sua primeira audição em Lisboa, no «bar» do Cristal. Foi uma audição especial dedicada à Imprensa.

Confrangia ver a sala tão deserta. Os músicos entretinham-se a afinar os instrumentos, a gastar tempo, esperançados que viesse mais algum espectador. Empoleirada num dos altos bancos do «bar», Sansalvador bebia uma limonada, apesar do frio que não era pouco. Félix Correia fumava charuto e bebia «whisky», naturalmente Armando Vieira Pinto dependicava numa «sanduiche» e, a goles pequeninos, ia bebendo o seu cházinho estomacal, talvez a ajudar ainda a digestão do borracho com arroz, comido no casamento de Milú.

Como os músicos continuassem em silêncio, alguém pediu ao Vilar para que cantasse. Que não, que não, que estava constipado, escusou-se ele.

As seis horas, como não podia deixar de ser, a orquestra atacou um «fox», unicamente com piano e bateria. Depois veio o inevitável «Beija-me muito», o «Impossível» e outros e outros. As sete horas estava tudo terminado. O Quinteto Murillo agradara.

À ESCUTA

Um novo que promete é Pompeu Faria. Voz quente, bem timbrada, como não estamos habituados a ouvir. A sua estreia realizou-se há poucos dias, no Rádio Clube Português, com «Nasce a lua», aquela linda canção de Manuela Bonito. Nessa noite nasceu a lua... e nasceu também um novo cantor de tangos e de valsas...

\*\*\*

«Passatempos, um dos números do «Domingo Sonoro», da Emissora, foi recebido com bom agrado. Eram diálogos simples, irónicos, muito fáctos, mas que tinham a sua graça porque caricaturizavam uma certa sociedade bastante caricata. Nesse tempo a voz do Olavo era muito natural, muito radiofónica. Mas agora... Agora é tão petulante, tão falha de naturalidade que, às vezes, o pobre do rádio-ouvinte já não consegue distinguir a sua voz da voz da Maria José. Mau gosto. Muito mau gosto!

\*\*\*

Diz-se que Carmen Dolores vai passar a fazer parte da «Hora de Variedades», da Emissora Nacional. Uma «ingenua» a cantar «swings»? Tem graça...

\*\*\*

Artur Duarte descobriu entre as artistas da rádio mais uma substituta de Milú. Já são deztoito...

## NA COSTA DO SOL VAI SURTIR OUTRA FUSÃO?

**C**ORRE uma aragem bemfazeja de unificação, no desporto português. As palavras que há um ano recolhemos do Director Geral dos Desportos, e que inserimos noutra publicação, foram tomadas como ordem a cumprir.

«Há muitos clubes que não têm condições de vida, servindo mal a ideia e contribuindo para o desvirtuamento da finalidade desportiva. Não devem existir clubes em cada bairro e em cada prédio. Menos agremiações, mas satisfazendo as necessidades e as exigências da sua Cultura Física e das competições. Devidamente apetrechadas. Que sejam templos de revigoramento e não de depauperamento.»

Foram estes, em substância, os pensamentos do chefe do desporto português. Ditados em boa hora. De então para cá, têm podido observar-se, fusões, aproximações, conjunção de esforços, que andavam dispersos, mal alinhavados e inconcipientes. A sociedade desportiva sem cooperação activa dos indivíduos, não é sociedade. Para ter expressão, carece de apoio mútuo. E este, por seu turno, requiere compreensão perfeita dos homens, respeito por todas as opiniões, mesmo quando elas possam divergir, discutindo-as com elevação, para as ajustar o melhor possível ao superior objectivo que se pretende. Numa palavra: é indispensável lealdade!...

Temos assim, que o desporto evoluciona já em campo diferente. Bom sintoma. Demarcador de dias mais progressivos e de resultados mais profundos. Todavia, não vamos esmerilhar agora, essas consequências. De momento, está fora de razão de ser desta crónica. Deitamos mão da pena, para pressagiar, talvez, uma nova fusão de agremiações desportivas. Como ante-câmara dêesse presságio, saíram-nos as considerações breves, que atrás ficam.

Voltemo-nos mais uma vez para a Costa do Sol. De lá nos veem ares, que permitem antever, num futuro próximo, a junção de dois clubes. A terra: Oeiras! Os possíveis interessados: o Sporting local e o Oeiras Futebol Clube!...

Paço de Arcos, vizinha do lado, deu o exemplo. E se os bons exemplos devem tomar-se, Oeiras, a decidir-se pela consumação do facto, só terá a lucrar.

Qual a situação daquelas colectividades? O Oeiras F. C. tem vida sombria. Praticava futebol, modalidade em que durante anos «deu cartas», chamando a si os títulos oficiais em disputa.

Disponha de um campo. Presentemente, não tem campo, nem futebol praticado e de lá saíram alguns nomes que enriqueceram outras colectividades e o futebol nacional como Gaspar Pinto, por exemplo. A sua actividade é limitada, perdurando apenas como único património, uma bagagem de recordações, medalhas e troféus.

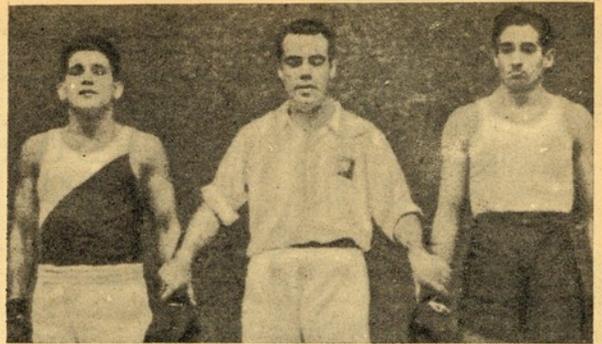
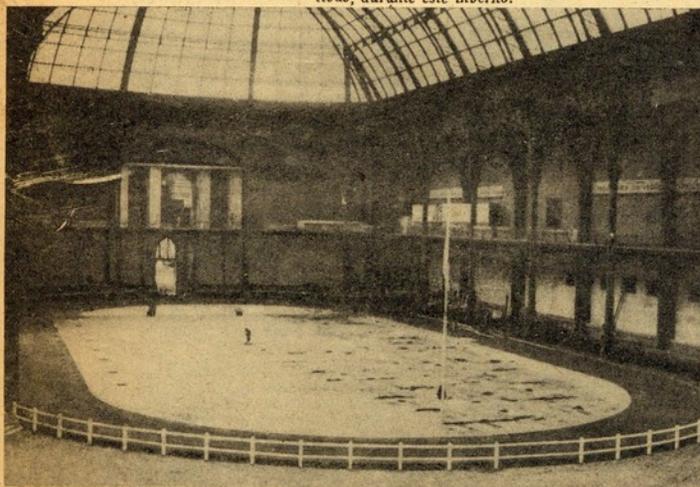
O Sporting está melhor. Também extinguiu a secção de futebol e próximo da estação de Oeiras tem um campo, que para pouco lhe serve. Mas está melhor, repetimos. Numa visão inteligente e oportuna, os seus dirigentes abalançaram-se à construção de um «rink» de patinagem e como corolário ao «hockey» patinado, que hoje tudo absorve. E compreende-se. O «rink», modela sob todos os aspectos, tem uma frequência compensadora, quer de verão, quer de inverno. As suas turnas de hóqueistas, progredem e começam a ter personalidade.

Mas o Sporting quer mais. Pretende abarcar outras modalidades, difundir-se, numa ânsia natural e humana. A sua localização, de resto, quasi que transforma esse desejo numa necessidade. Há a natação, o «ténis», o «volley-ball», e porque não, o «hand-ball» e de novo o futebol?... Um grande clube pode ter tudo isso. Com mais facilidade, quando tem a ornamentação do rótulo «regionalista», e um derivativo «trístico», que não deve dissociar-se daquela faixa de terreno, onde, em cenário de beleza, o rio e o mar, se abraçam, confundindo-se!...

Por isso, o Sporting pensou no Oeiras e o pensamento dêeste se entrelaçou no daquêle. Aginantes-se-iam as possibilidades desportivas da terra. Oeiras cedeu terreno, em confronto com outros núcleos desportivos da linha. Mas recuperá-lo-ia, sem esforço e com benefícios palpáveis e imediatos para o desporto, se o Sporting e o Oeiras F. C. retissem num os seus difíceis, e por isso mesmo, sempre incertos, destinos!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

Podíamos ter um Palácio de Desportos, em Lisboa, dissemos-lo há duas semanas... Mas, à falta de melhor, já nos contentávamos com um estádio, como êste que apresentamos na foto e que está instalado no palácio dos Campos Eliseos, em Paris. É aqui que vão realizar-se animadas e variadas competições desportivas, durante êste inverno.



## BOX INTERNACIONAL

**O** húngaro Torma II, campeão da Europa, na categoria de meios-leves, e que venceu Ximenez, um dos seleccionados da equipa espenhola, foi fotografado antes do valente K. O., da vitória, com o adversário e o árbitro português Caballero y Seródo, expressamente convidado para arbitrar todos os jogos realizados em Bilbao, entre a selecção de Budapeste e a selecção B do Norte de Espanha. Os húngaros, com mais técnica, venceram os esparhóis que se mostraram mais impetuosos. De um modo geral, porém, os combates decorreram com o maior entusiasmo. A arbitragem do nosso compatriota, que pertence ao Conselho Técnico da Federação Portuguesa de Box, foi tão correcta que os espanhóis o convidaram para arbitrar os novos encontros Tcheco-Eslavaquia-Espanha, a realizar em Sevilha, no próximo mês de Fevereiro.

## DAQUI E DALI...

Segundo determinação da Direcção Geral de Segurança, de Espanha, os assistentes as competições desportivas, nomeadamente os encontros de futebol, têm que passar a dosar o seu entusiasmo ou, por outra, têm que observar respeito integral pelos jogadores, árbitros, fiscais de linha, todos os intervenientes, enfim, dos prontos que se disputem. Há ordens rigorosas para, sempre que o público exceda os limites da correcção e composturas devidas, serem presos os perturbadores da ordem, na maior parte das vezes contribuindo para falsear a finalidade do desporto. O mais curioso, porém, desta medida é o destino que se lhes dará: um campo de concentração para acalmarem os nervos...

Achamos bem, porque não?... Simplesmente parece-nos que das duas uma: ou o campo de concentração tem de ocupar uma área enorme, ou há que arranjar vários...

A Comissão Administrativa da Federação Portuguesa de Futebol interdito os campos de Santa Cruz, em Coimbra, pertença da Académica, e o de Bem-lhe-vai, do Vitória, em Guimarães. A resolução foi tomada em face das declarações dos árbitros, nos seus boletins. Como entre os jogadores se não registou qualquer incidente, infere-se que foi o público que se excedeu.

A Académica e o Vitória de Guimarães sofrem, assim, as consequências da altitude dos seus apaixonados. A primeira foi de longada, domingo último, a Olhão, e o segundo veio a Lisboa defrontar o Atlético.

Entregaram, pois, tranços importantes aos adversários, e como se mantem na 2.ª volta a ordem dos jogos, terão de se deslocar novamente ao Algarve e à capital.

O «aviso» é suficientemente significativo para o público de todos os clubes. Será tomado, por certo, na devida conta.

O Lisboa Ginásio Clube está procedendo a grandes obras na sua sede, de molde a poder comportar todos os inscritos nos diversos cursos que lá se ministram e que, ainda com inscrição aberta até ao fim do corrente ano, se cifram já em cerca de meio milhar!...

O ritmo de trabalho do Lisboa Ginásio vem sendo, na verdade, há anos, verdadeiramente notável. E só assim se compreende que, com pouco mais de 600 sócios há três anos, conte presentemente com o dobro, número que, semana a semana, vem aumentando, pois até ao fim do mês mantem-se em vigor a regalia da jóia a dez escudos para os novos associados.

Vamos ter, pela terceira vez consecutiva, os encontros de futebol Fósforos-Estoril Praia para a passagem de Divisão. Está ainda na memória de todos, os prontos dos anos anteriores. Foram emocionantes partidas, em que os melhores valores individuais do Estoril-Pratia, quiçá o seu mais apurado conjunto, não conseguiram levar de vencida a coragem indômita baseada no extraordinário apego clubista dos jogadores do Fósforos. As partidas que se avizinhavam tomam, por consequência, um carácter sensacional, devendo levar aos campos da «Amoreiras» e do «Engenheiro Alvaro Salemas» milhares de pessoas estranhas às duas colectividades.

Entretanto, a pergunta subsiste: Conseguirá o Estoril Praia subir à Divisão principal?...

Continuam os trabalhos referentes à fusão dos três clubes de Paço de Arcos. O ambiente permanece intrinsecamente favorável à ideia, e é natural que na próxima temporada a simpática e acolhedora vila da linha de Cascais possua um único clube, forte e consciente da sua missão.

Entre os múltiplos pormenores que é necessário concertar para a benéfica fusão, um há que preocupa os desportistas da terra: o nome a dar à nova colectividade. Há que ponderar, de facto. E permitto-nos sugerir que adoptem uma designação bem portuguesa, liberta dos palavrões «Sports», «Sportivos», «Foot-Balls», «Hockey» e, inclusivamente, «Clubes», embora êste vocabulário já esteja aceito nos dicionários como português.

Tanto quanto possível uma designação genérica. Como a origem «Paço de Arcos» deve ser mantida, parece-nos que soaria bem o título «Grupo Atlético de Paço de Arcos» ou D. A. P. A..

A ideia não ofende ninguém, e se alguma utilidade tiver, tanto melhor.

## APRIGIO MAFRA E BENOLIEL

Por lapso de montagem, saiem trocadas na página «Do Passado», as fotografias dêstes dois conhecidos valores da imprensa portuguesa, lapso de que pedimos desculpa aos nossos leitores.

# AFONSO DE BRAGANÇA

## feito, subita e telefonicamente director de «A SITUAÇÃO»

**B**OTELHO Moniz tiver de deixar a direcção de «A Situação», cujos primeiros números a amizade de Manuel Guimarães lhe fizera imprimir, excepcionalmente, no «Século». Com a saída do jovem oficial, a alma daquela série do diário acadêmico, retirado para qualquer alta missão oficial ou diplomática, das muitas que lhe entregara a confiança presidencial, abriu-se um claro.

Naquele tempo, as vocações eram difíceis de desabrochar. E, no caso de Botelho Moniz, actividade multi-forme, espirito alegre e galhardo, corpo valente e moço — Sidónio mais se preocupava em encontrar sucessor condigno.

Sempre seguira a evolução dos jornais; e, se a modalidade de presidencialato, recém-instituída, encontrava dificuldades políticas, maiores se apresentavam as da sua propaganda pela palavra impressa.

Ora, de entre os colaboradores fortuitos, assinalara o Presidente um que assinava, singelamente, A. de B. Comentários leves, cuja leveza e certa acuidade lhe recordavam a «maneira» de Brito Camacho, emolduravam a página dos diários sucessos, arrancando-lhes efeitos prodigiosos.

Sidónio Pais, vindando o jornal, pediu a um ajudante:

— Ligue para a «Situação» e pergunte se está o senhor A. de B. No caso de estar que venha aqui.

Tinha d'esses improvisos, destas arrancações, o Presidente. Método com muitos inconvenientes mas maiores vantagens. Dali a um quarto de hora, da redacção a voz sonolenta e burocrática de um contínuo respondeu:

— O senhor A. de B., não é da redacção... É um colaborador... Deve estar, a estas horas, à porta da Brasileira do Chiado...

— Daqui para o Presidente Sidónio Pais... Quem é esse mi-terioso senhor A. de B.?

— Desculpe Vossência...  
— Quem é?  
— Pergunto já na administração.  
— Pergunte, antes, na Brasileira e peça-lhe o favor de cá vir.

Dali por uma meia hora bem punhada, Afonso de Bragança, com a sua voz delgada, cristalina como o seu permanente monóculo, saltava de um eléctrico em Belém, e dizia ao ajudante de serviço...

— Afonso de Bragança... Para o servir...

— O senhor Presidente deseja falar-lhe.

— Mande S. Ex.ª.

— Coisas do jornal...

— Mas eu sou um simples colaborador... Talvez me tenham confundido com algum redactor.

— Abriu-se a porta particular e o próprio Sidónio Pais appareceu, recortado na meia luz do gabinete:

— É com o senhor... Entre... Falo com o autor dos Comentários da «Situação»?

— Sim, senhor Presidente...

— Quere tomar a direcção de «A Situação»?

— Sim, senhor Presidente. Mas... com a condição de não...

— De não quê?

— Me nomear funcionário público.

— Um português que não quere ser funcionário? É o primeiro que me apparece. Está dito. Não o contrario.

— Que escrevo?

— O costume. E, sempre que lhe nareça oportuno, um artigo de fundo. Eu lhe darei uma ou outra indicação, se precisar.

— Se precisar... peço a D. Sidónio uma dia depois.

— Está dito! — e Sidónio Pais mal conteve o riso.

A colaboração de A. de B. desabrochou numa série de artigos espirituosíssimos, de uma graça e oportunidade excepcionais. Sidónio Pais deixou-o sempre fazer o que quis. Afonso de Bragança recebia um avultado ordenado. Ia-se-lhe entre as mãos de boémio distintíssimo. Anos depois morria, pleno de mocidade, desfeito pela tuberculose, por assim dizer num «ai». A tísica rondava-lhe o organismo frágil. A primeira aberta, entrou-lhe dentro e matou, cobardemente, o jornalista n.º 1 de Portugal.



**A**PRIGIO, monárquico por tradição, católico por convicção e jornalista de vocação, há coisa de vinte anos disfrutava de um opiparoso lugar no banquete da vida: redactor do «Diário de Notícias», egreja a secção do estrangeiro e, redactor do «Diário de Lisboa», comentava os casos do dia com uma graça equivalente, somente, ao perigo em que estavam, de continuo as suas costelas fratermas.

Inútil é acrescentar que no seu público selecto de senhorinhas frequentadoras da velha Marquês, do conhecido Bénard e do nado-morto restaurante Garrett, tudo se permitia menos a alusão, simbólica que fosse, à casa real recém-destronada, às autoridades eclesiásticas e aos figurinos da moda. Descontado isso, chegava-se, com certeza, após vários erros de agulha, à reforma por inteiro ou a uma glorificante suspensão de três meses no emprego.

Mas Aprigio Mafra, por nunca ter concorrido ao lugar de amanuense intermitente estava, e ainda hoje está, condemnado às galeras do jornalismo. E nesse inverno de 1923 era tão «espantosamente magro que, na redacção do «Diário de Lisboa», ao chegar al pelas duas horas da tarde, ainda a esfregar os olhos avermelhados, esperavamos o desfalecimento solidário dos seus membros, nervos e alma. Da carne e da pele nem falamos por já ter desaparecido.

Esqueçamos, porém, que Mafra, em vez de extremenho, como seria lógico, nascera no Albo Alentejo, e precisamente na cidade de Portalegre. Que ali se exercitara no regime agro-doce do seminário, e que fôra, até, familiar do bispo. É que, se não o arrastasse a Lisboa a fôria passional e admirativa por certas linhas costumeiras, em lugar do inferno da Imprensa, gozaria hoje da bem-aventurança dos bispos e sábios latinistas.

Os seus confratermas é que nunca lhe perdoaram o abandono; tanto assim que, há anos, inauguraram a

# DO PASSADO

## APRIGIO MAFRA e os seus fantasmas...

### Uma aparição do Século XVIII, montes de cédulas do Banco de Lisboa e contos gentis de amôr

lápida de uma provável futura avenida, convidando o patrono para a inauguração, da qual constavam várias bandas de música e estas comoventes palavras:

AVENIDA APRIGIO MAFRA  
Jornalista e escritor do séc. XIX.  
Nasceu em tantos de tal.  
Falecido em...

O resto da pedra, virgem está e estará, a Deus graças, pois o projecto não foi levado adiante e Mafra portalegreense renegou dos seus confratermas.

\* \* \*

Regressemos, pois, ao momento em que Aprigio Mafra, temeroso das céleras conjugadas dos seus dois directores, pensava no que deveria escrever. Mas se é já esgotara todos os assuntos! No estrangeiro misturava os assuntos da cidade; e, nesta, os do estrangeiro. Mal tinha tempo para raspar o osso enxuto do alimão mandado vir e crédito do galego da esquina. Só um milagre poderia salvar-lhe a indispensável acumulação de empregos redactoriais. Nesse capitulo, entretanto, tudo se esgotara. Não havia milagre que valesse, depois da reportagem «sbague» feita no «Século da Noite» com o caso da «costureira» por Rocha Júnior e Norberto de Araújo. E a qual, graças à credulidade do povoado pacóvio de Lisboa, que se juntara ante o marco postal existente na «ilha dos galegos», do Chiado, fôra castigada com a demonstração de que o fenómeno fôra auto-suggestivamente provocado.

Estava, pois, Aprigio pôsto em descausa na sua água-furtada de Alfama, em sitio indeterminado, quando, conforme éle nos disse posteriormente, sentiu ranger um esconso quarto. Era éle a parte mais escura e cômoda, livre de execuções fiscaes e outras impertinências; singularizando-a, no entanto, uma anormal grossura da cal de que a parede estava recoberta.

Estremeçada a pombalina construa-

ção, nessa manhã, por um dos imperceptíveis abalos de terra que, constantemente, sacodem o solo da capital, a suspetosa grossura convertera-se em fenda declarada e com seu quê de ôco a retinir lá dentro. Comovido, Aprigio julgou ter descoberto, pela lei do acaso, um opparoso tesouro naquella chaminé emborcado por razões a averiguar. Cuidadoso, foi buscar o juiz de paz e as testemunhas precitadas na lei.

Dentro em pouco, tinham-lhe delatado a parede da chaminé abaixo, pôsto a descoberto uma arcaezinha de lata, e à sua abertura e arrojamento se ia proceder quando o magistrado dictaminou:

— Não vale a pena... São só papéis...

E abandonou Aprigio, agarrado ao papelório, tremendamente sentimental, em que a filha de um ourives da prata inscrevera a sua paixão dilacerante, camiliana, em termos inflamados e em óptima caligrafia dos fins do século XVIII... O pai não estivera de acôrdo com os transportes amorosos de burguezinha, os quais delirantemente devijavam determinado official, germânico ou gaulês, dos que acompanharam o general-conde de Lippe na reforma das fortalezas e preparativos das linhas de Tôres Vedras, delineados em tempos do Marquês de Pombal.

\* \* \*

Aprigio Mafra reduziu tudo a vários artigos, dos quais ainda publicou alguns. E se mais não fez, conforme nos contou há meses, foi por ter recebido, uma tarde, quando se preparava para zincografar algumas cartas, a visita «convincentes de alguns bairristas da Mouraria-Alfama, justamente alarmados pelos bons créditos do seu cantão natal, neutral e nada passional... Aprigio teve, sempre, a justa proporção e o natural reconhecimento das realidades!

CONSIGLIERI SA PEREIRA

## REI MORTO, REI POSTO BENOLIEL — SUPREMO SENHOR DA FOTOGRAFIA

**E**XCELENTE colega, judeu sem dinheiro, repêto de filharada — um fotografo como éle e a sua reprodução exacta, o outro médico distintíssimo — este Benoiel que morreu, há anos, por ter um só rim, apparecia em todos os sitios ao mesmo tempo. De uma vivacidade excepcional, tão depressa fotografava o rei Eduardo VII em Windsor, no castelo famoso, como o acolhia Afonso XIII no Palácio do Oriente, em Madrid, ou era entrevistado, em filme, para diários cariocas ou cubanos, sobre a maneira e artificios usados para ser o único repórter do regicídio, o único da proclamação da República, o único do dia do Armistício, o único... Enfim — contendo a lista dos elogios por dois molvros: por deles não precisar, é o primeiro; para não excitar a rivalidade do excelente Garcez do Chiado, é o segundo. No entanto, a este judeu sem dinheiro devo eu ter ganho os únicos vinténs que juntei na minha vida. O caso, não por se me referir mas por

dar a medida do desprendimento «benoieloso», dá a medida do excelente camarada que Jeshua foi!

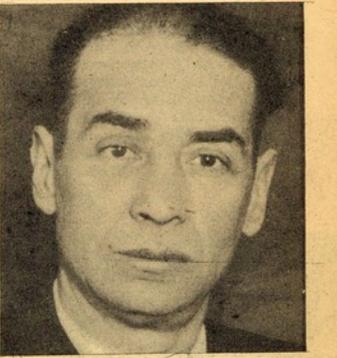
Eu queria casar; faltava-me, porém, o dinheiro e eu por nada montaria casa sem capital próprio. Já não me recordo por quem nem por quê: certo é, no entanto, haver-se interiorado Benoiel da minha atrapalhada. Veio ao meu encontro e disse-me:

— Olha: vai sair uma emissão da Companhia X. Quem a distribue é a Casa Bancária tal e tal. Eu estou encarregado de comprar. Tu podes ganhar, entre a saída e a venda, a diferença de tantos milhares de escudos.

Fiquei deslumbrado! Mas, com medo, perguntei:

— E... quanto tenho de gastar?

Ele sorriu-se e exclamou:  
— Quem é mais judeu? Eu ou vocês, almas do diabo, sempre com medo de arriscar tanto, nada ganhando?... Nada arriscas, mesmo nada. Eu tomo nota do nome, da quantidade de acções. Tem um limite:



pode ser cem. Com a diferença, já é bem bom. Até podes comprar uma baixela de prata numa ourivesaria de luxo...

E assim foi. Dall por duas semanas, Benoiel, confiando a farta bigodeira, disse-me:

— Líquida! Já ganhas. Eu... não sei. E, agora, toca a casar com a menina dos olhos bonitos.

O que fiz logo a seguir e com as naturais consequências.

# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Ferrão \*

## Capítulo XXIII - a campanha da Rússia

### DOIS DOCUMENTOS ESSENCIAIS

ALÉM da proclamação do Führer que, como vimos, dá as razões fundamentais da declaração de guerra do Reich à Rússia (necessidade de suprimir o exército soviético antes de iniciar operações militares de envagerada contra a Grã-Bretanha e rivalidade germano-russa nos Balcãs) devemos registar dois documentos, de importância capital, que então se divulgaram, os quais completam a proclamação do chanceler do Reich. São o relatório, lido pelo ministro dos Negócios Estrangeiros alemão, Ribbentrop, na Wilhelmstrasse aos representantes da imprensa estrangeira em Berlim, e o relatório do Alto Comando da Wehrmacht, documentos ambos divulgados na capital do Reich, na manhã de 22 de Junho de 1941, poucas horas depois das primeiras tropas alemãs haverem atravessado a fronteira soviética.

O relatório da chancelaria alemã expõe as razões de ordem diplomática que levaram os dirigentes do Reich a agir naquele momento. A sua extensão e a sua pormenorização fazem dele uma peça essencial da história do nosso tempo. Algumas das suas constatações verificou-se, posteriormente, que não tiveram a confirmação dos factos. Sobre outras é possível, ainda hoje alimentar dúvidas. Mas há no respectivo texto muitas passagens que merecem ser arquivadas, não só como elemento documental de inegável valor em relação aos acontecimentos dramáticos daquela época, mas ainda como verificação das constantes da política continental que bem podem ser invocadas presentemente como lição e como prova da experiência que é de todos os tempos na Europa.

O relatório do Alto Comando da Wehrmacht oferece também um interesse incontestável. Por ele se conclui que os chefes militares do Reich não alimentavam grandes ilusões sobre o valor material do adversário que iam defrontar e sobre o seu poderio, tanto em equipamento e efectivos como em matéria de armamentos. Se porventura, o tempo trouxe consigo algumas surpresas a esse respeito, a verdade é que os chefes da Wehrmacht sabiam que a Rússia era uma potência militar de primeira ordem no momento de iniciarem a sua gigantesca ofensiva.

### A FUNÇÃO DO PACTO DE 23 DE AGOSTO

No documento lido pelo ministro dos Estrangeiros do Reich começava por se expor, largamente, a evolução das relações entre os dois países, sobretudo na fase que se iniciou com a assinatura do pacto de 23 de Agosto de 1939, cuja função, no pensamento dos dirigentes do Reich, o documento referia largamente.

«Só desprezando as graves reservas que até ali se impuseram, dizia o relatório, o governo alemão se resolveu a aproveitar em Agosto de 1939, uma nova oportunidade que se lhe oferecia para tentar pôr de acôrdo os interesses das duas potências. A ideia directriz que nos levou a procurar esse acôrdo foi a de que, só com ele, seria possível evitar uma guerra entre o Reich e a Rússia, salvaguardando-se, assim, as necessidades vitais e reais dos dois povos, alemão e russo, que nunca deram mostras de inimizade um em relação ao outro. O acôrdo representava ainda, quanto a nós, a melhor garantia de que seriam evitadas eficazmente quaisquer novas tentativas de infiltração bolchevista na Europa.»

O pensamento do governo do Reich aparecia assim exposto para, em seguida,

o relatório referir o que, na opinião do seu autor, fôra a resposta russa a estes propósitos e intenções. «Verificámos rapidamente, dizia o relatório, que o governo soviético estava longe de manifestar a mesma boa vontade que nós havíamos mostrado. A primeira prova desse facto foi-nos dada, imediatamente, pelo recrudescimento da actividade do Komintern precisamente nos territórios que haviam sido ocupados pelas tropas alemãs em consequência das nossas necessidades de guerra. Nessa actividade constatámos que a representação oficial da U. R. S. S. desempenhava, invariavelmente, um papel preponderante o que era manifestamente contrário ao espírito do acôrdo que havíamos assinado e que procurávamos cumprir no seu espírito e na sua letra.»

### A POLÍTICA EXTERNA E A POLÍTICA MILITAR

«Mas foi nos domínios da política externa e da política militar, continua o documento, que as verdadeiras intenções dos russos se revelaram diariamente. A política externa dos soviéticos visava apenas a realização dum objectivo: reforçar e valorizar as suas posições entre o mar Báltico e o mar Negro, em todos os pontos onde julgasse possível acentuar o seu esforço de penetração ideológica no continente.»

O relatório de Ribbentrop aludia, em seguida, ao que se havia passado com a Finlândia e com os Estados Bálticos, onde, afirmava, com a ocupação militar se iniciara uma tarefa de bolchevização sistemática, contrária à natureza dos compromissos assumidos pela U. R. S. S. como consequência do pacto de Agosto. «Nesses países instalaram-se importantes guarnições soviéticas e a Lituânia apareceu transformada numa zona de influência russa, sem ter em consideração a importância dos interesses alemães que há muito ali existiam.»

A seguir o relatório ocupava-se, pormenorizadamente, da situação nos Balcãs e da sua evolução. «Em 1940, dizia o documento, a Rússia começou a encaminhar os seus esforços na direcção dos Balcãs. Contrariamente às garantias que anteriormente nos havia dado, a Rússia informou-nos, posteriormente, que estava decidida a resolver pela força o seu litígio com a Roménia por causa da Bessarábia. A fim de salvaguardar a paz, o governo do Reich interveio em Bucareste no sentido de ser dada satisfação às pretensões soviéticas. A despeito da resposta favorável do governo romeno, a Rússia enviou um ultimato a Bucareste exigindo a devolução imediata daquele território. Não se limitou, porém, a isso. Com a ocupação da Bessarábia ocupou uma parte da Bucovina, território que estivera integrado no antigo Império austro-hungaro e que nunca fizera parte da Rússia. Com a ocupação, foi em curto prazo, a bolchevização que se produziu nas províncias anexadas que haviam pertencido à Roménia e que esta cedera por sugestão nossa.» Esta parte do relatório confirmava a suposição corrente de que as posições dos dois países começaram a revelar-se fundamentalmente divergentes logo que se tratou da partilha dos territórios do sueste europeu.

### OS MOTIVOS DA DECISÃO TOMADA

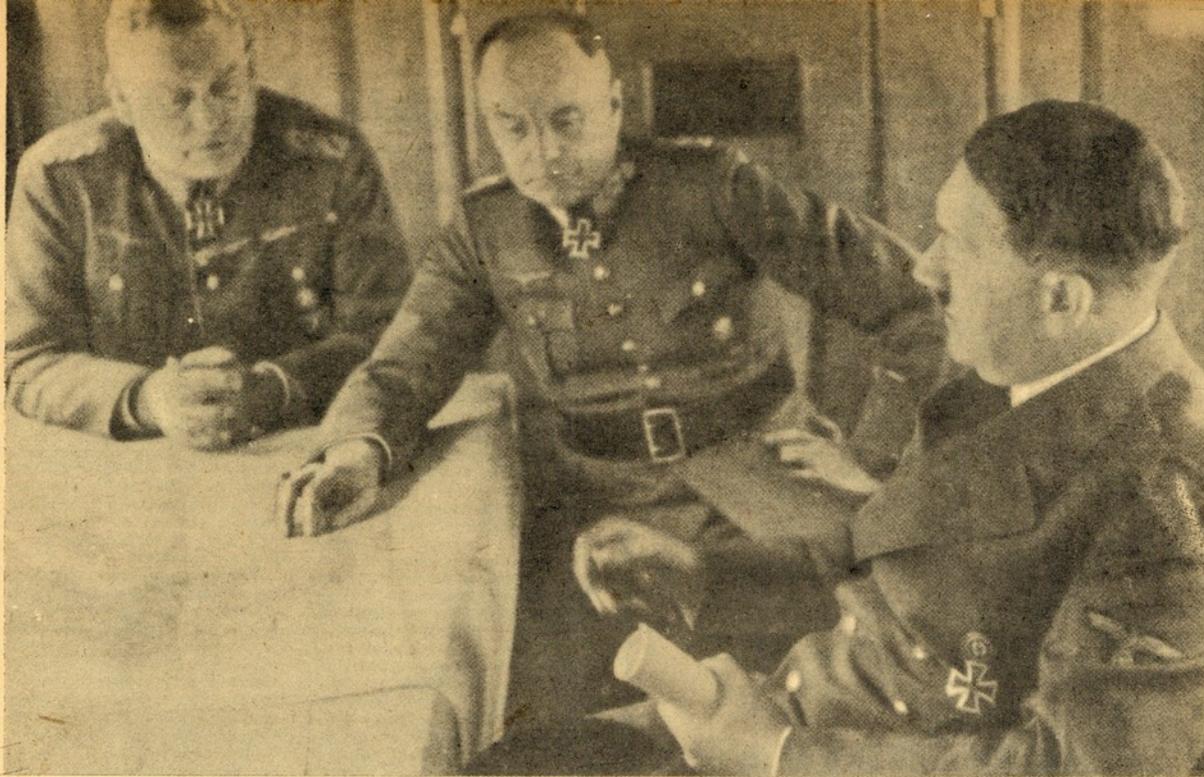
«A fim de evitar, tanto quanto possível que as divergências entre os dois países se liquidasse por uma declaração de guerra, dizia o relatório, o governo do Reich organizou, na Bessarábia e na Bucovina, como já fizera nos Países Bálticos quando da sua ocupação, a transferência da parte da população de origem alemã que ali vivia há muito. Mas a progressão territorial da Rússia em direcção aos Balcãs pôs em relevo a existência de divergências mais profundas.

Em seguida o relatório recordava as violações do pacto de 23 de Agosto que a Alemanha atribuía à Rússia e que já foram mencionadas nas referências que fizemos à pro-

Em seguida o relatório recordava as violações do pacto de 23 de Agosto que a Alemanha atribuía à Rússia e que já foram mencionadas nas referências que fizemos à pro-

Joaquim von Ribbentrop, ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich, lê aos jornalistas a proclamação do Führer.





Hitler, os marechais Brauchitsch e Keitel, este, chefe do alto comando e o primeiro supremo comandante do exército, traçam, talvez, os últimos planos de ataque à Rússia.

clamação do Fuhrer. A sua parte final era esclarecedora quanto ao verdadeiro estado de espírito que, nos últimos tempos, havia presidido às relações entre os dois países. «Com a sua atitude, a U. R. S. S. traía os compromissos que havia assumido connosco e os acordos em que pusera a sua assinatura. A Alemanha não quis ficar inactiva perante a ameaça que se desenhava, de novo, nas suas fronteiras orientais. Por isso o Fuhrer deu ordem às forças armadas alemãs para que façam desaparecer, por todos os meios de que dispõem, essa ameaça.»

No final da leitura deste documento, o ministro dos Estrangeiros do Reich declarou aos jornalistas presentes, entre os quais se encontravam muitos americanos, que recebera o embaixador soviético em Berlim, Dekanosov, a quem dissera que o governo do Reich, considerando a hostilidade da política soviética e tendo em conta a ameaça que se desenhava contra as fronteiras orientais do seu país, dada a natureza e a extensão das concentrações militares russas, resolvera tomar enérgicas medidas de defesa as quais começariam imediatamente a fazer sentir os seus efeitos. O ministro anunciou ainda aos jornalistas que, nessa madrugada, as primeiras tropas alemãs haviam atravessado a fronteira soviética. Mais tarde, Ribbentrop, recebeu os diplomatas acreditados junto do governo do Reich aos quais fez, em nome do mesmo, uma comunicação semelhante.

## OS RELATÓRIOS DO ALTO COMANDO

Simultaneamente, procedeu-se em Berlim à divulgação pública dos documentos elaborados pelo Alto Comando da Wehrmacht, entre 13 de Janeiro e 20 de Junho de 1941. Com essa publicação o governo do Reich visava dois objectivos. Em primeiro lugar, pretendia fundamentar a sua atitude em razões imperativas de ordem militar. Conhecida a tradicional competência dos corpos militares alemães, essa pretensão estava destinada a ter um êxito total, principalmente no interior do país. Em segundo lugar, tratava-se (e esse efeito era sobretudo dirigido para os países estrangeiros) de demonstrar praticamente que, embora iniciada sob o signo do anti-comunismo, a guerra com a Rússia tinha o apoio total das forças militares do Reich.

Em 13 de Janeiro, segundo esses documentos revelavam, o Alto Comando da Wehrmacht aludira, nas suas comunicações periódicas ao governo, ao voo de cento e cinquenta aviões russos que, a grande altura, tinham ultrapassado a linha de demarcação estabelecida pelo tratado de Brest Litovsk. No começo de Março, segundo as informações das autoridades militares alemãs para o governo de Berlim, estas incursões tinham-se multiplicado, registando-se em pontos diversos da nova fronteira germano-soviética.

Foi em 11 de Maio que os documentos do Estado Maior começaram a referir-se à existência de concentrações de tropas soviéticas junto da fronteira entre os dois países. Depois dessa data, segundo as informações prestadas pelo Alto Comando alemão, as concentrações soviéticas não deixaram de se intensificar, sendo constituídas, em grande parte, por divisões de infantaria, divisões de carros e divisões motorizadas, trazidas do Cáucaso e da Ásia. Segundo as mesmas informações, a assinatura do pacto de amizade russo-japonês, celebrado em Abril, fora uma ras razões que permitira aos russos distraírem da Ásia para a fronteira oriental forças numerosas, bem armadas e bem equipadas.

Em Maio, segundo a estimativa das autoridades militares alemãs, devia haver concentradas cento e vinte divisões, entre as quais vinte divisões de cavalaria e vários batalhões de paraquedistas. A este volume de concentrações correspondia a mobilização dum poderoso exército aéreo.

## A SITUAÇÃO NO COMEÇO DE JUNHO

O relatório capital do Alto Comando da Wehrmacht, revelado em Berlim no dia da invasão, tinha a data de 11 de Junho. Nêle se chamava a atenção do

ministério dos Negócios Estrangeiros para o aspecto ameaçador que estavam assumindo as concentrações de forças soviéticas, bem como para outros episódios que, segundo o Alto Comando, deviam considerar-se como revelações de uma intenção agressiva. Entre esses episódios figurava a notícia da criação duma zona morta na região fronteiriça e a transferência duma parte das indústrias de guerra soviéticas para o interior do país.

«Os constantes incidentes fronteiriços, dizia o relatório de 11 de Junho, incidentes de aspecto provocador, suscitados por soldados russos, demonstram a existência de uma germanofobia evidente entre as tropas soviéticas. Além desta ameaça latente, existe aquela que resulta do poder crescente das concentrações militares russas na fronteira com a Roménia, as quais constituem igualmente um perigo para a segurança do Reich. A missão dessas tropas consistia, inicialmente, em intervirem nos Balcans sincronizando a sua acção com a das tropas inglesas desembarcadas na Grécia e com a actividade dos jugoslavos, depois do golpe de estado de Belgrado de 27 de Março. Só os êxitos fulminantes do avanço alemão nos Balcans (argumento que, como vimos, aparece igualmente invocado na proclamação do Fuhrer) impediu que os preparativos feitos pela U. R. S. S. se traduzissem numa acção militar imediata. Mas foi precisamente durante esse período que se registaram numerosas violações do espaço aéreo alemão realizadas por aparelhos soviéticos voando a grande altura.»

O relatório do Alto Comando da Wehrmacht, de 11 de Junho, aludia ainda à situação militar criada em consequência da ocupação dos países bálticos a qual permitira reforçar a posição estratégica da U. R. S. S., em relação à Alemanha com grave prejuízo para a segurança deste país. «As forças de ocupação nesses países, dizia o relatório, que haviam sido previstas para um total de cerca de sessenta mil homens, elevam-se a mais de seiscentos mil.»

## A GUERRA PREVENTIVA

No relatório a que nos estamos referindo, o qual constitui uma peça capital no processo da guerra germano-russa, faziam-se largas referências à extensão dos preparativos militares soviéticos nas semanas de Maio e Junho, a que principalmente se reportava.

Os efectivos concentrados apareciam assim discriminados nesse documento: 170 divisões de infantaria, 33 divisões de cavalaria, 45 brigadas motorizadas. E ainda, no Extremo Oriente, mais 27 divisões de infantaria, 8 de cavalaria e 5 brigadas motorizadas.

«Dêstes factos e dêstes números resulta, concluiu o relatório de 11 de Junho, que a

(Continua na pág. 20)



Dekanosov, o último embaixador dos soviéticos em Berlim.

# PELES!!!

SEMPRE AS ÚLTIMAS  
NOVIDADES E CRIAÇÕES  
EM MODÉLOS, CAPAS,  
CASACOS, GUARNIÇÕES  
E MALINHAS  
COMPRAR NA **Casa  
Paiva**, É TER A  
CERTESA DE NÃO SER  
ENGANADO E A  
AFIRMAÇÃO DE BOM  
GOSTO

## CASA PAIVA

RUA DO OURO, 203

Telef. 2 5538

## HISTORIA DA GUERRA

(Continuação da página d.zanove)

ameaça contra a nossa segurança se aproxima cada vez mais da fronteira e toma um carácter cada vez mais grave.» Na véspera da invasão, em 20 de Junho, um novo relatório tirava as conclusões das premissas de ordem militar e de segurança que vinham sendo postas nos relatórios anteriores. Só na fronteira da Prússia Oriental, dizia este último documento, encontravam-se concentradas 49 divisões de infantaria soviética, além de 3 divisões de carros, 12 brigadas brindadas e sete divisões de cavalaria.

«A segurança nacional exige que seja imediatamente afastada das nossas fronteiras esta ameaça.» Assim concluía o relatório de 20 de Junho sobre o qual, segundo as declarações oficiais feitas em Berlim, foi tomada a decisão definitiva e irrevogável de fazer a guerra à Rússia. Os homens de Estado que dirigiam os destinos do Reich consideraram que as razões de segurança invocadas pelos documentos que haviam recebido do Alto Comando da Wehrmacht deviam sobrepor-se a quaisquer outras considerações, e sobretudo às considerações de ordem preventiva. Sempre as guerras deste tipo tiveram repercussões políticas e diplomáticas, que independentemente, das razões de ordem militar que determinam a sua eclosão, influem no curso das operações e no complexo de circunstâncias que as rodeiam.

A guerra germano-russa, guerra preventiva idêntica a tantas outras de que há abundantes exemplos na história antiga como na história moderna, não fêz excepção a esta regra. Além da reacção militar determinada pela entrada das tropas alemãs em território russo, a U. R. S. S., viu criar-se uma coligação em que, ao seu

esforço de guerra, se associaram com diversos aspectos e modalidades, a Grã-Bretanha, primeiro, os Estados Unidos depois. O auxílio destes dois países revelou-se dum importância incalculável para o desenvolvimento ulterior da luta. Não apenas o auxílio que se traduziu pelo fornecimento, em quantidades enormes, de material de guerra de toda a espécie mas, sobretudo, pelo apoio político e diplomático de que desde 22 de Junho a Rússia passou a beneficiar nos países anglo-saxónicos.

Esse apoio só podia ser prestado desde que a atitude dos governos de Londres e de Washington tivesse a sanção da opinião pública anglo-americana. Essa sanção foi conseguida, essencialmente, ao considerarem nos dois países as condições em que a leste se desencadeara.

Bismarck, que era um especialista das guerras preventivas (fêz três e todas elas concluídas com um êxito total) deixara o exemplo dum preparação diplomática impecável quando se tratava de fazer a guerra a qualquer vizinho de forma a tirar todas as aparências dum luta provocada deliberadamente e a impedir quaisquer movimentos, denunciados mas não verificados, do adversário. Chamava a esse jogo, clássico em diplomacia, o jogo dos imponderáveis, o primeiro dos quais consistia, para ele, precisamente em afastar dos países estrangeiros a suspeita de que a Prússia procedia por cálculo ou pretendia suprimir o país que lhe fazia sombra. Foi esse o segredo, não apenas das suas vitórias militares mas também dos seus triunfos diplomáticos.

(Continua)



### CASULO

LIMPA-FATOS

Não mascara as nódoas; elimina-as radicalmente. Daí provém a grande fama deste magnífico produto, incomparável na total supressão das nódoas e do lustro dos fatos, que ficam com o aspecto de novos.

O CASULO LIMPA-FATOS dá aos seus fatos novo apresto. Ficam como se viessem do alfaiate e com maior duração.

Tira-lhes o lustro, as nódoas e o mau cheiro, desinfecta e limpa. É um produto maravilhoso, fabricado com 6 substâncias químicas diferentes e inofensivas que actuam sobre os tecidos, renovando-os.

Cada pacote custa apenas 2\$00 e dá para 1 litro de soluto.

Em todas as drogas do País.

Revenda:

SCHROETER & ALMEIDA

Rua da Madalena,

128-2.º

LISBOA



### VIDA MUNDIAL A CONSELHA

UM LIVRO

A «Arte Portuguesa», de Armando de Lucena, em que se encontram interessantíssimas observações da vida popular, artes regionais, etnografia, narradas com sóbrio gosto literário e feliz visão das raízes sociais em que germinam as criações estéticas de toda uma raça. O professor Armando de Lucena soube fugir ao eruditismo inútil e à especialização estéril, oferecendo um quadro animado e sugestivo da arte popular no nosso país, sem prejuízo da justa apreciação para as obras superiores.

UMA REVISTA

«Toma lá, dá cá», no Maria Vitória.

Uma revista que está ali para lavar e durar, como se diz na gíria teatral. Bons números de Irene Isidro, Herminia, António Silva e dois bailarinos de classe internacional.

Há já algum tempo que não aparecia no Parque uma revista em que a parceria que a escreveu merecesse os elogios da crítica e do público como esta.

Um espectáculo agradável onde se esquece, durante duas horas, os momentos trágicos que assolam o mundo de hoje.

Digam o que disserem  
ainda é a

## PELARIA MODELO

a que apresenta sempre  
as últimas novidades

## A PELARIA MODELO

marca a sua posição pela sua  
competência e seriedade

## A PELARIA MODELO

vende a prestações sem  
aumento de preço

## PELARIA MODELO

RUA DA PRATA, 279

TELEFONE 2 8305

# NOTAS DE GUERRA



Antes de uma conferência plenária, outra conferência preparatória: antes dos encontros no Cairo e em Teherão, este outro em Moscovo. A volta de uma grande mesa, num dos edifícios do Kremlin, consertaram-se grandes projectos. Eden, Molotov e Cordell Hull encontram-se aqui com o marechal Voroshilov, tenente-general Hastings Ismay, embaixador Archibald Clark Kerr, William Strong, major-general John Deane, James Dunn, embaixador Harriman, Hackworth, Litvinof e Vyshinski.



O general Catroux esteve na Síria, voltou a Argel e regressou para resolver o problema do Líbano. Aqui o vemos, acompanhado do tenente-general Lavarack, passando revista a tropas da Legião Estrangeira, da Síria.



Num quarto de hora, mais de 400 mortos — dizem as revistas francesas que nos falam dos grandes «raids» a Côte d'Azur. Como Lorient, Saint Nazaire e Nantes, Toulon também foi bombardeado. O alerta durou só um quarto de hora — mas os mortos foram mais de 400 e os feridos 600. Bonnafous, ministro da Agricultura e dos Abastecimentos, tomou parte nos funerais, em representação do Governo.



Na Suécia, foi a baptizar mais uma descendente de Bernadotti, o homem a quem Napoleão deu um trono. Chama-se Cristina, em homenagem ao rei da Dinamarca, seu padrinho. É neta de Gustavo, rei da Suécia e filha da princesa Sibylla e do príncipe Gustavo Adolfo, herdeiro do trono.

# FIGURA DA VIDA MUNDIAL



## STAFFORD CRIPPS

O Dr. Stafford Cripps, formado em Direito e filho de lord Parmoor, já conheceu a outra grande guerra, trabalhando na fábrica de munições e na Cruz Vermelha. Filiou-se depois no partido trabalhista, desempenhou funções em organismos sindicais e foi eleito deputado por Bristol. As suas idéias, os seus projectos, mesmo quando pertenceu ao gabinete de Mac Donald, caminharam sempre na vanguarda. Por isso preconizou a constituição de uma frente popular e defendeu a aproximação anglo-russa. Naturalmente, os trabalhistas repudiaram as suas idéias e Stafford Cripps foi expulso do partido em 1939, quando a guerra ainda não tinha começado. Depois, em 1940, foi nomeado embaixador em Moscovo — e, desde então, bem se pode dizer que a sua autoridade diplomática foi notável: Substituiu Lord Beaverbrook na pasta dos Abastecimentos, depois de ser Lord do Sêlo Privado e «leader» dos Comuns. Actualmente, sobraça a pasta da Produção Aeronáutica.



**EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS  
EM LINGUA PORTUGUESA**

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
7,45	WKTS	49,0	WRUL	38,4	WKLJ	39,7
8,45	WKTS	49,0			WKLJ	39,7
9,45					WKLJ	30,8
12,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	25,6
13,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	16,9
17,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8		
18,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEA	25,3
19,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEO	31,5
20,45 a 21,15	WRUA	39,6	WRUS	31,4		WKLJ 30,8
21,45	WRUA	39,6	WRUS	31,4	WKLJ	30,8
22,45					WKLJ	30,8
23,45					WKLJ	30,8

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 18,45 às 19 horas.

**EMISSÕES DIÁRIAS**

**OIÇA a VOZ da  
AMERICA em MARCHA**



**CREMES  
PARA DE DIA  
E PARA DE NOITE**



**ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA**  
Avenida da Liberdade, 35  
Telef. 2 1866 — LISBOA  
Os produtos de beleza  
**RAINHA DA HUNGRIA**

Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade  
Salões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos

**PASTA MEDICINAL**

**Couto**

**CURA** estomatites

**TRATA** as doenças da boca

**PAPYRUS**

**PAPYRUS** — O melhor papel para escrever  
**PAPYRUS** — O melhor papel para imprimir  
**PAPYRUS** — O melhor papel para Títulos de Crédito  
**PAPYRUS** — O melhor papel para Apólices, etc  
**PAPYRUS** — Os melhores livros comerciais  
**PAPYRUS** — Os melhores sobrescritos  
**PAPYRUS** — O melhor papel para cartas



À venda nas Papelerias e Tipografias

Depósito geral:

**Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)**  
Rua dos Correios, 70  
LISBOA

End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854

**UMA GOTA DE «HERPETOL»**

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

**«HERPETOL»**

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, arupções, arandias na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drogarias  
Preço avulso: 11\$00



LEIA TODOS OS SÁBADOS

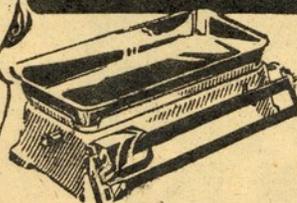
**VIDA MUNDIAL**

Visado pela Comissão de Censura ♦ Composição e impressão.

Bertrand (Irmãos), L.ª — Telef. P. B. X. 21227-21368 — Lisboa

**INCA**

**AS LINDAS  
BALANÇAS  
PARA CASA**



SÃO O ENCANTO DAS SENHORAS E INDISPENSÁVEIS EM TODOS OS LARES MODERNOS

Vendem-se a preços módicos em tôdas as boas lojas de utilidades e também a prestações

Depósitos para a venda por grosso sômente:

LISBOA — Rua da Condição, 46, 1.º — Telefone 21672

PORTO — Rua de Santa Catarina, 53, 1.º — Telef. 5582

# PASSATEMPO

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

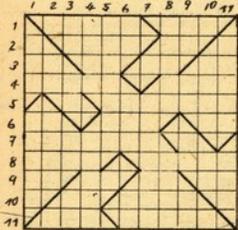
TODA A CORRESPONDÊNCIA DEVE SER DIRIGIDA À R. MARQUES SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

## PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 6

Por José N. Correia — Viseu



Enunciado

**HORIZONTAIS:** 1 — Doença de pele, em que esta cria manchas escamosas; nome de mulher. 2 — Ligar; sétima nota da escala musical. 3 — Outra coisa; indivíduo de grande valor e notoriedade; nome antigo da nota musical dó; alem. 4 — Gastara; nome de terra portuguesa. 5 — Limpavas. 6 — Solitário; fileira; contração de dois pronomes numa só dicção. 7 — Aquecer muito. 8 — Pex negro; não acertas. 9 — Avançava; forma proclítica de não; antj. designativa de dor e às vezes de alegria; de outro modo. 10 — Aquil; sulcom. 11 — Ente; laço secundário de estrada ou caminho de ferro.

**VERTICAIS:** 1 — Divistvel por dois; filósofo. 2 — Tecido fino como escumilha; efeito do trabalho. 3 — Artigo antiquado; existes; nota de música; nome de letra. 4 — Descascar (milho); reunir num todo. 5 — Nívelavas. 6 — Aparência; lã; aspecto. 7 — Tornara-se raro. 8 — Permanecer; mostravam-se alegres. 9 — Observel; conchi; abreviatura de senhor; tumor, também chamado arreltra. 10 — Compreendiam; contração da preposição e do artigo. 11 — Nulo; pronomo possessivo.

SOLUÇÃO DO N.º 5

**HORIZONTAIS:** 1 — Malar; barrão. 3 — Bolotas. 4 — Acabana. 5 — Rota; dura. 6 — Armador. 7 — TH; bíbe. 8 — António. 9 — Sairias. 11 — Salva; orago.

**VERTICAIS:** 1 — Matar; taras. 3 — Entadas. 4 — Ocarina. 5 — Relia; tira. 6 — Obrador. 7 — Bata; Nilo. 8 — Andóbia. 9 — Sáurios. 11 — Orara; ébrio.

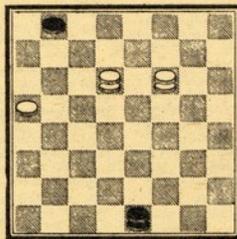
António Hildão Assis da Veiga, (Lisboa) — O seu problema, vai contra o que nós temos estabelecido de não admitirmos tantas letras de. Capitão Evaristo Borges, (Pórt) — Ego Sum Qui Sum, (Pórt) —

## DAMAS

FINAL DE JOGO N.º 4

Por Francisco A. Henriques — Almeirim

Dedicado ao grande técnico "Damista" Capitão Evaristo A. Borges — Pórt



Jogam as brancas e ganham.

FINAL DE JOGO N.º 3

Solução

1.ª hipótese:

15-19	27-31	31-9	9-2
18-13	20-15	15-11	11-7

2-20, g.

2.ª hipótese:

15-19	27-31	31-28, g.
18-13	13-9	

3.ª hipótese:

15-19	27-31	19-8	30-17
20-16	16-12	18-14	14-11

17-3 e 8-4, g.

RECTIFICAÇÃO

Na apresentação do nosso Problema N.º 1 foi cometido um lapso, que agora se rectifica: A «pedra» da casa 11 deve ser branca, e na casa 2 não deve existir «pedra» alguma.

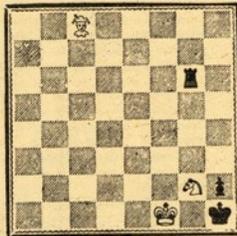
Numa das suas charadas, aferendas, a separação de sílabas dá Inexacta-nexata e não Inexacta-exacta, não sendo, portanto, publicável. Precações que acontecem. As outras estão todas nas devidas condições.

## XADREZ

PROBLEMA N.º 1

Por W. Nonstadt

Pretas



Branças

Jogam as brancas e ganham.

Solução do Final n.º 4

(H. Rinck)

1. A 4 R +, C 2 C; 2. R 3 A, D 3 T (Se 2... P 4 T; 3. A 6 C e as brancas ganham); 3. A 5 D, P 5 C; 4. A 6 A, D x A. empatá.

## CHARADAS

APOCOPADAS

1 — A família, impõe o cumprimento de certos deveres. 4-3. Pórt Ego Sum Qui Sum

2 — Língua imoderada, revela carácter de homem sem palavra. 4-3. Pórt Ego Sum Qui Sum

3 — Respeitamos a força muito mais do que a honradez. 3-2. Lisboa J. Pessoa. P.

4 — Olhar pelo futuro dos filhos, deve ser dos pais o intuito. 3-2. Pórt Rei do Orco

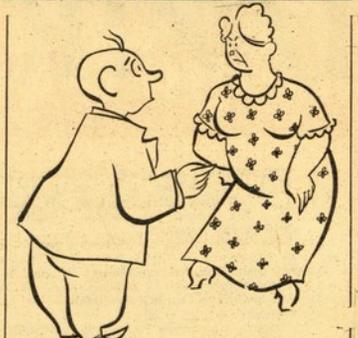
PROTÉTICAS

5 — A ventura pode enlouquecer as pessoas que resistiram à desgraça. 5-6. Lisboa J. Pessoa. P.

6 — Promessa de amor é juramento de fidelidade. 3-4. Pórt Rei do Orco

## VÁRIAS DO VENTURA

POR ZECO



VENTURA — Sempre queres ir a S. Carlos?...

A ESPOSA — Quero. Penso até estrear o vestido cor-de-rosa... E tu que fencionas pórt?...

VENTURA — Eu?... Uma bola de algodão nos ouvidos!...



A ESPOSA — Há alguma coisa de novo no «Diário de Notícias» de hoje?...

VENTURA — Há, sim, a data!...



VENTURA — Para que ligaste para a Emissora pondo o receptor assim tão alto?!...

O CRIADO — Não vê V. Ex.ª que os que gostam de a ouvir param de comer e os que não gostam perdem o apetite!...



O MATERIAL — Cem escudos por uma caricatura que o senhor fez em cinco minutos?!...

O VENTURA — Dou-lhe cinco contos se o senhor a fizer em cinco horas!...

## CORRESPONDÊNCIA

### “As minhas ambições não se conciliam com o casamento!”

(Continuação da pág. 12)

contrário teremos que impedir a partida para Espanha das nossas vedetas de cinema.

Leonor Maia tranqüiliza-nos com esta declaração formal, feita às dezasseis horas e dezasseis minutos, na Estação do Rossio, a 7 de Dezembro do ano da graça de 1943:

— Estejam tranqüilos... As minhas ambições não se conciliam com o casamento.

O «Lusitania-Expresso» arranca... E Leonor Maia, da janela, corroborou:

— Não haverá noivo e não haverá casamento...

Oscar de Lemos parece comovido. Isto de despedidas não é com ele:

— Se pudesse, ia meter-me a Entre-Campos...

— Mas, então, Oscar?! Você é assim tão sentimental?!

— Que querem! Ainda não parti e já estou cheio de saudades... No fundo, sou muito saioio...

E assim falou Oscar de Lemos na véspera de seguir para Barcelona, onde vai interpretar as versões portuguesa e espanhola de «Madalena, zero em comportamento».

# GUNELO

CONTO DE MANUEL HOMEM FERREIRA

ILUSTRAÇÃO DE RUDY

**D**OBRA DO aos pés de qualquer, a ganhar a vida. Quinze anos definhados, cabelo castanho, olhos piosos de cão batido. Ali estava na posição humilde que o destino lhe marcara.

Era engraxador. De pequeno, muito pequeno se habituara ao trabalho. Cedo deixara os brinquedos dos companheiros de rua. Vinte escudos mendigados à generosidade de um e o seu primeiro sonho realizado—a caixa do ofício!

Depois, o treino intensivo do dia a dia. A desconfiança dos fregueses olhando a sua pouca idade. Mas em breve, simpatizaram com ele. Não era exigente e não reflava. Quisquer cinco tostões o contentavam. É certo que aquela profissão não enriquecia ninguém. A vila era pequena e só se engraxava ao domingo.

Então era vê-los, à hitcha, em sua volta. Os pés esmagados pelo luxo dos sapatos domingueiros deixavam-nos vermelhos, cansados, doídos do sacrifício.

Era um dia em cheio. Trinta a cinquenta escudos! A semana era uma miséria. A não ser um ou outro estudante a férias, nada. Mas estes eram aborrecidos. Exigentes. Queriam o branco dos sapatos pintado com creme. Interpelavam-no com ares superiores:

—Vé lá as meias. Não me borres as calças. Bastante lustro.

E no fim desta estopada mais dois tostões. Trastes!

Fora isto, era um sossego. Era agarrar na funda e seguir rés-vés com as moltas em busca da passarada. Respirava-se.

O milho alto, misterioso na sua multidão de verdura muito junta, seduzia-o a esconder-se no seu seio.

Os melros desafiavam-no assobiando rente aos silvados. Punha uma pedra na funda, fazia pontaria e atirava.

O pássaro tombava ferido de morte. Corria a agarrá-lo. Dependurava-o, à caçador, dum cordel pendente do cinto.

Noutros dias, armava as rédes aos pardais. A terra amassada com água, murava um bebedouro. A pardalada vinha sequiosa molhar a goela e cala na armadilha. A tração do garoto escondido no milho trazia-lhes a morte.

Assim passava a sua vida.

Calma, muito calma. Comia uma malga de caldo de couves onde assomava, medroso, azul e além um feijãozito. Em seguida entrava no café da vila. Interrogava os fregueses.

—Que não. Hoje não engraxavam.

E num bocejo falso desviavam o olhar dos sapatos, mesmo, mesmo a suplicarem limpeza. Gunelo encolhia os ombros e ia para os passáros.

Um dia —era uma tarde escaldante de verão —sportou à vila uma barraca de tiro ao alvo. Madeira em pilhas, cingidas pelo braço ferrugento de um arame enroscado. Panos grossos que haviam de exercer a função de telha de cobertura. No meio desta balbúrdia de ferro, madeira e pano, os caços onde se aquecia o caldido do costume. A um lado esquecido, dormia um fogareiro. Tudo tão sujo, tão miserável que afogava a piedade e fazia nascer o nójo.

Os donos desta quinquilharia tomavam parte no desfazer da trouxa. Era preciso andar depressa. Alguns dias depois, tinham de seguir para outra terra. Que por alturas do S. João deviam estar no Pórtio.

Uma vez por outra, os rapazes da terra iam com as empregadas. Eram três raparigas sem idade. Os lábios pintados dum vermelho de zarcão. A face enfarinhada dum pó vendido a peso, num barateiro de feira.

Uma tinha o rósto picado das bexigas. Nariz arrebitado. Boca larga e dentes sujos. O corpo, do uso, perdera a nitidez das formas. Ficava lasso. As ancas eram desmesuradamente largas. As colegas, pouco características, dum moreno cigano estampavam no rósto as inúmeras privações.

Antes da abertura da barraca já as pequenas circulavam pelas ruas da vila num perfeito à-vontade. Uma ia à fonte buscar água para cozinhar, olhada pela curiosidade provinciana da gente da terra. Outra, quando ia ao azeite

à loja da esquina, à loja do Táteira, logo os rapazes se juntavam à espera de tréla.

O merceiro, rapaz ainda novo, olhava-a a médo. Dizia-lhe piadas duvidosas enleadas de sensualidade enquanto a aviaava com um vago receio do calor. E a rapariga ouvia, ouvia sempre. Desafiava a sua vida. Hoje aqui, amanhã além. Nômadas da desgraça. Dias inteiros com a sardinhita assada a iludir a revolta do estômago. Miséria!

Num domingo, depois das badaladas brônças do meio dia, a barraca abriu par ao público. Os garotos formaram logo círculo à sua volta. Atropelavam-se numa curiosidade infantil. Operários chegaram-se, a médo, mirando as pequenas. Um motorista, dono dum garagem em frente, veio também, risonho. Os mais limpos da vila eram recebidos com manifestações amorosas.

—Ó simpático! Venha cá. Val um tirinho? Um rapaz, vindo dum aldeia da serra há pouco tempo, regente dum pósto de ensino dos arredores, aproximou-se. Ateou a conversa. A pequena agarrou-lhe nas mãos e fêz-lhe carícias. Depois, vendo a inutilidade monetária das queias tentativas largou-o. Acercou-se de outro.

A das ancas largas era a preferida. As outras com os seios esborrachados a escorrerem até à barriga, bem convidavam:

—Val um tirinho, freguês?

E encostavam o ventre saído, disforme, no agradecimento que as separava do público.

Alguns mais generosos, estabeleciam tornelos de setas. Outros, contando o dinheiro, aventuravam-se ao canhão. Sempre era um tiro mais caro!

Havia ainda quem tentasse o tabaco. Sobre uma mesa redonda, tósca, espalhavam-se maços de tabaco. Quem, atirando um aro de madeira conseguisse encaixá-lo em volta de um maço recebia-o como prémio.

Gunelo lá foi gastar as moeditas da graxa. A rapariga das ancas, a Amélia, a prrincípio não lhe ligara. O casaco esfarrapado não lhe chamara a atenção. Mas o rapazito atirou ao alvo. E pagou!

A Amélia ao dar-lhe a arma, fixou-o. Achou piada àquêles olhos atraentes, tristes. Fêz-lhe uma festa.

Gunelo passou a frequentar a barraca.

Passado o período de novidade, os fregueses rarearam.

Só o rapazito se mantinha fiel. Encostado a um canto da barraca, lá se

entretinha mais a rapariga. Gastava o dinheiro a atirar. Não era o vício que o empurrava, era o prazer de agradar à pequena. Esta beijava-o, quente. Gunelo ia endoldecendo. Era a sua primeira aventura. Uma alegria enorme invadia-o, tomava-o todo.

Até que a hora da largada chegou. Enfeixadas as coisas, a caravana da miséria seguiu. Outras paragens. Mudança de terra. Vida, a mesma.

Gunelo entristeceu. Ficou vazio. Parecia-lhe horrível a graxa, o freguês. Tudo o aborrecia. Gastava da pequena. Contou a sua história aos companheiros. Riram-se dele. A história transpirou para uns e outros entre sorrisos. Todos lhe falavam do caso. E interrogavam. Queriam saber pormenores. Intimidavam. Preguntavam ignominias. O rapaz afastava-se. Não queria que lhe falassem da vida da rapariga. Se algum se gabava de favores obtidos por dinheiro, logo uma sombra se adivinhava por baixo das pestanas compridas, e umedece-lhe os olhos belos!

Não tinha péjo de dizer que gostava dela. Os que o apupavam pretendiam tirar-lhe a mania da cabeça. Em vão. Tinha-a ferrada. Juntaria dinheiro, bastante dinheiro. A freguesia aumentou, atraída pelos ditos da vila sobre o garoto. Davam-lhe uns cobres a mais e num riso de gozo acrescentavam:

—É para irer ter com a Amélia dos tirois!

Gunelo aturava tudo. Apertava a moeda na mão, metia-a num saquinho pendurado ao pescoço e dobrava de novo a espinha, no ganha-dão de cada dia. Todos se metiam com ele. Desde a piada chula, rude, dos operários até ao engraxador apaixonado dum estudante. Tudo ouvia, sem uma palavra. Resignado. Metido na sua humildade. Nem um gesto. Deixava correr, indiferente. Quando o saquinho comportou a quantia fixada pela sua imaginação, resolveu-se. Vestiu as calças remendadas. Pôs o casaco que lhe tinha dado havia pouco. Colocou o dinheiro no bôlso e com o pensamento calmo pela lembrança do beijo, meteu-se a caminho, corajoso.

A sua frente, a estrada estendia-se, imensa.

Um derradeiro olhar para trás. Lá longe, muito longe, esfumava-se o sangue do último telhado da vila...

(Do livro em preparação «Rumos».)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.ª—LISBOA—TEL. P. B. X.—25844